

MARGARIDA MARIA GONÇALVES

Tudo Arriscar por Cristo



Vida da Madre Inês de Jesus, RSCM

**TUDO ARRISCAR
POR CRISTO**

Colecção TESTEMUNHAS (Títulos mais recentes)

Os Insondáveis Caminhos de Deus

Memórias de D. Domingos Tang

Na Vida Espiritual Não Há Linha Recta – P. J. Craveiro da Silva

Org.: Ir. Maria Fernanda Bourbon e João Azevedo Mendes

Camille C. – Possuída de Deus

Henri Caffarel

Semente Escondida – Vida da Serva de Deus Maria da Conceição

Pinto da Rocha

Dário Pedroso, S.J.

Apóstolo da Eucaristia – P. Abílio Gomes Correia (2ª ed.)

Fernando Leite, S.J.

O Segredo do Rei Balduino (3ª ed.)

Cardeal Suenens

O «Santo» Padre Cruz

M. J. Mendes Leal

Princesa Mártir em Timor – Virgínia das Mercês Douzel Sarmento e Cardoso

Eusébio Arnáiz Álvarez, C.S.S.R.

Odisseia de Amor – Vida do «Santo» Padre Cruz

Dário Pedroso, S.J.

Vida em Plenitude de Amor – Traços da espiritualidade da Serva de Deus Maria da Conceição Pinto da Rocha (2ª ed.)

Dário Pedroso, S.J.

Pedro Arrupe – O Polémico Superior Geral dos Jesuítas

Pedro Miguel Lamet

O Venerável P. Gonçalo da Silveira

Francisco Correia, S.J.

Nossas Memórias de Vida em Timor (2ª ed.)

João Felgueiras, S.J. / José Alves Martins, S.J.

Palavras de Fogo – Circulares da Serva de Deus Maria da Conceição Pinto da Rocha

Maria da Conceição Pinto da Rocha

Tudo Arriscar por Cristo – Vida da Madre Inês de Jesus, RSCM

Margarida Maria Gonçalves

Margarida Maria Gonçalves

**TUDO ARRISCAR
POR CRISTO**

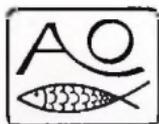
Vida da Madre Inês de Jesus, RSCM



Editorial A. O.

Na capa: *Madre Inês de Jesus*
Capa (arranjo gráfico): *Virgílio Cunha*
Paginação: *Editorial A. O.*
Impressão
e Acabamentos: *Tipoprado – Artes Gráficas, Lda.*
Depósito Legal nº 321577/11
ISBN 978-972-39-0743-8
Janeiro de 2011

Com todas as licenças necessárias



©
**SECRETARIADO NACIONAL
DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO**

Rua S. Barnabé. 32 – 4710-309 BRAGA
Tel.: 253 689 440 * Fax: 253 689 441
www.apostoladodaoracao.pt/livros@snao.pt



MADRE INÊS DE JESUS SOARES TEIXEIRA

*Fundadora das Missões
do Instituto do Sagrado Coração de Maria
em Moçambique*

PREFÁCIO

A beleza de um Instituto se manifesta na vida concreta dos seus membros, vivida, conhecida, divulgada.

Esta obra Tudo Arriscar por Cristo tem o valor de colocar em evidência o que até então permanecia oculto, a vida da Madre Inês de Jesus Teixeira, uma pedra preciosa para nossa história. Sua personalidade, vida e missão ficaram ocultas, para que aparecesse primeiro o fruto das suas obras, para a glória e louvor de Deus.

Madre Inês de Jesus, quando ainda era a jovem Maria da Conceição, alimentava o desejo de ser missionária «ad gentes» e, de facto, nos inícios da sua vida religiosa, já a vemos transpondo fronteiras para o «Novo Mundo» — Brasil — onde generosamente doou anos e anos da sua vida. Com a mesma flexibilidade e amor, volta ao seu país de origem, identificando no apelo das superiores a vontade de Deus para ela naquele momento. Bem depressa, porém, o mesmo fogo que abrasava o coração do jovem Gailhac a impulsiona a transpor novas fronteiras, agora para o continente

africano – Moçambique – onde vive como missionária até ao fim dos seus dias, terminando sua missão no dia 12 de Dezembro de 1956. Esta semente deixada na terra, como o grão de trigo que morre, continua produzindo frutos para o crescimento do Reino.

A Autora conhece bem a história da Madre Inês de Jesus, pela pesquisa que fez e pelo aprofundamento das informações que conseguiu recolher daqui e dali.

Não só por esta obra, mas também por outras que escreveu recentemente – Uma vida para todos e Força e Liberdade – podemos destacar uma das dimensões do amor que a Autora tem pelo Instituto e do seu empenho em tornar mais conhecida a nossa história viva. Margarida Maria pesquisa no tesouro do Instituto e nele descobre coisas novas e antigas.

Os leitores se deliciarão ao ler esta biografia pelo estilo original da autora. É capaz de comunicar com vigor e simplicidade os valores de vida da Madre Inês de Jesus, uma vida totalmente ao serviço da vida, dos pobres, dos pequenos, dos preferidos do Reino. A autora revela também de onde vem esta força que moveu a Madre Inês de Jesus durante toda sua vida, é uma força que vem de dentro, uma força que vem de um

amor apaixonado por Deus, a Quem se tinha consagrado. Madre Inês de Jesus usava com frequência em seus escritos espirituais: «Ocupar-se de Deus e servir é viver e ser feliz». Feita esta experiência espiritual, é impossível retê-la dentro de si. É como o fogo que arde, se espalha, se comunica.

Desejamos ampla divulgação, sobretudo no meio da juventude que procura referências e modelos para sua vida de fé, e sentido para sua existência, pois o único caminho para a realização plena é aquele que nos torna semelhantes a Jesus, que Se deu por inteiro para resgatar nossa dignidade de vida.

Terezinha Cecchin
Superiora Geral

RETRIBUINDO

No início deste livro, quero prestar homenagem a todas as pessoas que me ajudaram a levar por diante esta simples biografia da Madre Inês de Jesus, agradecendo o contributo precioso que, para mim, foram tais apoios. Proponho-me fazê-lo pela ordem da minha utilização dessas ajudas.

Em primeiro lugar, o Sr. Engenheiro José Pinheiro, sobrinho directo da Madre Inês de Jesus, a quem agradeço as informações sobre a família e primeiros anos da protagonista. As fotografias dos quadros feitos no Colégio Inglês do Sagrado Coração de Maria, em Braga, pela Maria da Conceição Teixeira (seu nome de baptismo), bem como os acontecimentos com ela relacionados, até à sua entrada para o Instituto do Sagrado Coração de Maria, no Porto.

Os Senhores José Martins Pinto e D. Celeste da Cunha Valente, Pais da Ir. Ana Luísa Valente Pinto, RSCM, que me ofereceram um belo opúsculo de lindas imagens a cores, intitulado «MIRANDELA» – a cujo concelho pertence Abreiro – e cujo autor

é Roger Teixeira Lopes. De tal Obra extraí várias informações arquitectónicas sobre Abreiro.

A Dra. Maria da Conceição Gonçalves que colheu no próprio local muitas e muito úteis informações sobre a situação geográfica, arqueológica e origem árabe de Abreiro e me forneceu um caderno de páginas dactilografadas sobre a Povoação.

Elementos sobre a formação de Maria da Conceição Teixeira, Noviciado e partida para o Brasil em 1911. Regresso a Portugal depois de 26 anos de trabalho incansável com Madre Maria de Aquino Vieira Ribeiro. Actividades em ambos os países. Estes elementos, repito, pude extraí-los de «VIDAS VIVAS» e em «CAMINHOS NÃO ANDADOS» – cadernos não impressos – ambos da autoria da Madre Chantal Carvalhaes (falecida), uma das primeiras noviças de Madre Inês de Jesus.

Foi-me de grande valia o Diário de Bordo, feito pelas Irs. Maria da Natividade Pereira (já falecida) e Maria Eugénia Mocho.

À Ir. Maria de Jesus Lopes da Cruz, falecida, fico devendo o historial da fundação e crescimento da Missão de Morrumbala, «grande sonho» da Madre Inês de Jesus, realizado no seu penúltimo mês de vida.

De grande ajuda foi também a descrição da fundação do Lar Universitário de Lourenço Marques (Maputo), pela Ir. Maria Rosa Coelho (falecida), que sucedeu à Madre Inês de Jesus na direcção das casas do SCM em Moçambique.

Úteis ainda os testemunhos das Irs. Maria de Lourdes Marques e Maria das Dores Mouta.

Elementos muito importantes foram as cartas da Madre Inês de Jesus à Superiora Geral de então, Madre Marie Gérard Phelan (falecida), cuidadosamente conservadas nos Arquivos da Casa Generalícia, em Roma, pelo Arquivista Sr. John Bosco Gorla.

Finalmente, a Ir. Maria Cândida Valente, em Braga, que me está dando grande apoio no computador e me tratará da impressão deste livro, na Editorial A. O., da Companhia de Jesus.

A todos reitero os meus sinceros agradecimentos.

Capítulo Primeiro

MADRE INÊS DE JESUS – PRIMEIROS ANOS –

O magnífico planalto de Trás-os-Montes é uma paisagem de rara e bem combinada austeridade e beleza. Ora rebenta em cimos agudos e pedregosos, ora mergulha em alcantis e precipícios de íngremes encostas. Estes vão cavando o leito dos rios e agitando nas águas correntes as imagens trémulas das cristas e cimos rochosos. É um desafio às profundidades da Terra e às alturas dos Céus.

Com a sua mais remota origem nos Pirenéus Cantábricos, o planalto de Trás-os-Montes é um misto de elevações e depressões, continuando a Cantábrica, que avança em Espanha na direcção Nordeste-Sudoeste e continua em Portugal com a mesma orientação.

O aspecto diferenciado da vegetação, nas vertentes ocidentais e orientais das maiores elevações, provém da existência, na região, de Terras Quentes e Terras Frias e dá-lhe grande variedade de paisagem.

Variedade que vai das manchas, ainda que raras, de pinheiros, subindo esguios e altivos a grande altura, de um lado das montanhas, até às plantas mediterrânicas, do outro lado. A completar o panorama, aparecem, embora de forma irregular, o castanheiro opulento, a oliveira de folhas prateadas, o carvalho elegante e sóbrio, a amendoeira, a figueira, etc.

A moldura climática do Nordeste Transmontano não pode deixar de ter características de clima continental: Invernos frios, envolvendo o planalto em manto de neve, na Terra Fria, e estios muito quentes, na Terra Quente.

A região é assim definida por Miguel Torga: «Léguas e léguas de chão raivoso, eriçado por um sol de fogo ou por um frio de neve».

É neste contexto geográfico e climático, e numa luta insistente contra um solo montanhoso e agreste, que vive a população transmontana. Indole valerosa, lutadora e tenaz! É ali que as lâminas cortantes do xisto e da ardósia acabam por lhe lapidar a têmpera, já de si forte e autêntica.

Gente valerosa, lutadora, autêntica e forte!

É assim que podemos caracterizar a nossa protagonista, Maria da Conceição Soares Teixeira.



Abreiro. Casa de Família, em frente ao Pelourinho.

Embora não tenha nascido em Trás-os-Montes, a sua génese é puramente transmontana.

Seus pais, Guilherme Teixeira e Maria Preciosa Soares, de ilustres famílias da região, nasceram em Abreiro e aí casaram.

Abreiro é uma povoação do Concelho de Mirandela, situada bem perto da margem direita do Rio Tua. Há vestígios arqueológicos, como a Pedra de Arcã, de que terá sido organizada, como povo, pelos Godos e pelos Árabes. O nome de Abreiro terá origem na palavra ÁBARA, que quer dizer «passar para o outro lado», dada a proximidade do rio. Foi Vila e Concelho Medieval. Possui um belo Cruzeiro de cruz latina com a representação escultórica da

morte de Cristo de um lado, e de Nossa Senhora da Conceição, do outro.

Maria Preciosa Soares teve um irmão, Álvaro Soares, que se distinguiu, como médico, em Mirandela. Fiel aos valores da família, solidarizava-se com os pobres e prestava gratuitamente os seus serviços a quem não podia pagar as consultas. E só Deus sabe como eram frequentes estes casos... Quando conhecia mais a fundo a indigência dos seus clientes, além das consultas, dava-lhes dinheiro para os medicamentos e até para alimentos e roupas. Por isso, em gesto de gratidão, a cidade levantou-lhe uma estátua, que ainda hoje se encontra em Mirandela.

Gente voltada para os outros, podemos acrescentar. Aliás será uma das características de Maria da Conceição.

Depois do casamento, Guilherme continua a trabalhar com o pai na lavoura, sobretudo no comércio de vinho e azeite. Porém, pouco tempo depois, vendo que um dos irmãos gastava na política todo o seu tempo e o dinheiro da família, transfere-se para Braga, com D. Preciosa. Aí se estabelece e aí nascerão os seus sete filhos.

Maria da Conceição é a primeira. Nasceu a 31 de Maio de 1886 e foi baptizada a 4 de Julho, isto é, 34 dias após o nascimento.

Seguem-se os seis irmãos, três rapazes e três meninas: Camilo Augusto, José Augusto, João António, Maria Auzenda, Maria da Piedade e Maria Teresa.

A última, Maria Teresa, foi sempre objecto de preocupação e especial solicitude para Maria da Conceição. Mais tarde vai para o Brasil, onde sua irmã se encontrava, já Religiosa do Sagrado Coração de Maria. Aí frequentou o Colégio do Rio de Janeiro. Veio a ser Religiosa do Sagrado Coração de Maria. Mais tarde, saiu do Instituto e regressou a Portugal.

Uma das sobrinhas de Maria da Conceição, Maria Preciosa Teixeira Pinheiro, foi aluna do Colégio de Nossa Senhora do Rosário, no Porto.

Assim é evidente a solicitude de Maria da Conceição pela sua família e como procura aproximá-la, por laços espirituais, mesmo a partir do Brasil.

Mas voltemos à sua infância.

Com sete filhos, num período de catorze anos, D. Preciosa necessita da ajuda de Maria da Conceição nos cuidados com os irmãozinhos, sobretudo com os três mais pequeninos e últimos.

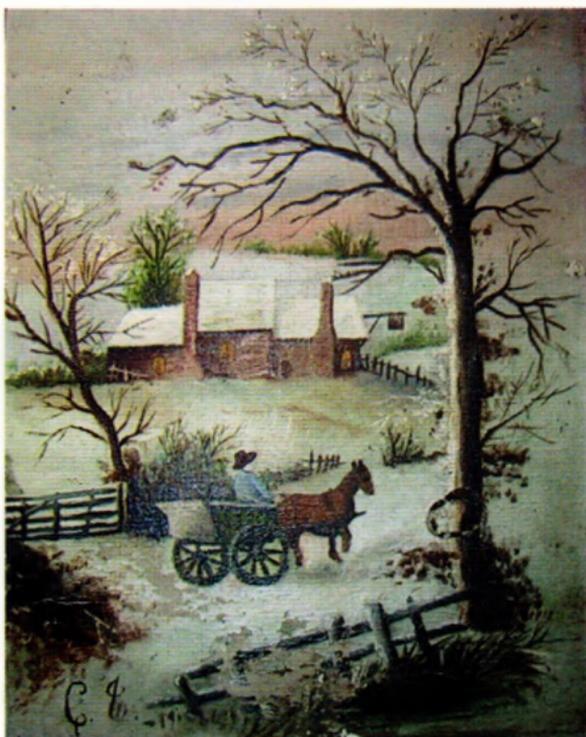
Meiga, mas firme, como seria mais tarde Maria da Conceição, sabia desculpar-lhes as traquinices de criança, mas não aceitava faltas de lealdade ou fugas à verdade.

É fácil supor o que terá sido o dia-a-dia daquele mini-colégio, em que as idades se sucedem de dois em dois anos, à excepção da última filha.

Há mais tranquilidade na casa quando o segundo, Camilo, vai para a escola, seguido de perto pelo terceiro, José Augusto. Por outro lado, faz falta a



*Na pág. anterior, nesta
e na seguinte: quadros a
óleo, a carvão ou a água-
relas pintados pela Maria
da Conceição.*



exuberância de vida que eles trazem à família, com as traquinices próprias da idade.

Um lar feliz onde se vive a alegria e o amor.

Havia em Braga um Colégio de muito prestígio, a Academia Inglesa do Sagrado Coração de Maria. E os pais de Maria da Conceição, querendo dar a sua filha uma educação esmerada, resolvem inscrevê-la nesse Colégio, para se dedicar sobretudo às Artes, bem como ao Português e Línguas Estrangeiras. E ainda, cristãos como são, para desenvolver a sua educação religiosa. E não precisam já tanto dos cuidados de Maria da Conceição com seus irmãos.

Conservam-se ainda hoje, em casa de um dos seus sobrinhos – Eng. José Júlio Pinheiro – e filho



de sua irmã, D. Maria da Piedade, belos quadros a carvão, óleo ou aguarela, feitos por Maria da Conceição e cheios de cor e sentimento.

Decorria tranquila a vida familiar, quando o Sr. Guilherme Teixeira morre repentinamente. Profunda dor para toda a família.

Que fazer agora? Pensa D. Maria da Piedade entre lágrimas e, ao mesmo tempo, confortada pela fé. Acaba por decidir deixar Braga e regressar a Abreiro, de acordo com Maria da Conceição.

Cheias de coragem e confiantes na protecção de Deus e de Nossa Senhora, continuam a sua missão junto dos filhos ou irmãos. Camilo morreu e José Augusto em breve irá para a Universidade. O mais novo vai continuar os seus estudos no Liceu e as três

últimas na Escola Primária. Estão, portanto, todos bem encaminhados.

D. Maria Preciosa tinha proporcionado a sua filha, Maria da Conceição, uma educação esmerada na Academia Inglesa do Sagrado Coração de Maria, em Braga. Esperava que ela transmitisse às suas irmãs mais novas o que ela própria recebera. Mas parece que eram outros os desígnios de Deus. Maria da Conceição, desde muito nova, sente que Deus a chama a uma vida totalmente entregue ao seu serviço e ao serviço da Igreja, a exemplo das suas educadoras. Mas guarda o segredo, apenas o confiando a uma Irmã do Colégio.

Agora é, no seu entender, o momento de sair de casa e deixar sua Mãe e irmãos, apesar do sofrimento que isso lhes causa e do que a ela própria se impõe. Para ela o que contará, sempre e acima de tudo, é a vontade de Deus e a sua própria santificação.

Escreverá mais tarde: «Quem quer, na verdade, santificar-se, usa de todos os meios ao seu alcance para realizar o plano de santificação que o Senhor lhe traçou».

Capítulo Segundo

DE ABREIRO PARA O PORTO – A REVOLUÇÃO EM PORTUGAL –

Decidida a seguir a vida religiosa, Maria da Conceição vai para o Porto, no dia 16 de Março de 1907. Tem 21 anos incompletos.

Toma em Abreiro o comboio em direcção ao Tua. Aqui faz transbordo para um outro comboio, que segue para o Porto. Viagem incómoda e longa. Sozinha e insegura, tem a seu favor a leveza da bagagem que transporta. É que sai de casa como se regressasse dentro de dias. Mas leva o coração pesado por não ter sido aberta com sua Mãe, ela que se considera, e é, tão autêntica. Só passados uns dias, depois de chegar, a informará da sua intenção de entrar na Congregação das Irmãs que a educaram e na qual já se encontrava.

Passadas finalmente as intermináveis horas de viagem, chega ao Porto. Uma Irmã espera-a na Estação de Campanhã. E vai para a Academia Inglesa do Sagrado Coração de Maria, onde a Superiora

Provincial, Madre Maria da Eucaristia Lencastre, a recebe com grande alegria. Pelas Irmãs de Braga tinha muito boas referências da Maria da Conceição. Esta já tivera ocasião de lhe falar do desejo de ser religiosa do Sagrado Coração de Maria e da sua possível entrada para a Congregação.

Estamos em 1907, três anos antes da proclamação da República. Vejamos os factos políticos no País:

– Em 28 de Janeiro de 1908 há uma tentativa de golpe de estado revolucionário para derrubar a Monarquia. A ditadura vai lançando na prisão vários chefes anteriores, procurando instalar-se no País. À agitação que se vai tornando irreprimível, a ditadura continua a responder com a repressão.

– A 1 de Fevereiro de 1908, ao regressar a Lisboa, vinda de Vila Viçosa, a Família Real é alvejada, dentro da carruagem em que seguia, no Terreiro do Paço. O Rei D. Carlos é assassinado, bem como o Príncipe Herdeiro, D. Luís Filipe.

D. Manuel sobe ao trono apenas com dezoito anos.

– Em Abril do mesmo ano realiza-se o I Congresso Nacional do Livre Pensamento, em Lisboa. Grupo não católico que se identifica sem religião, tem como objectivo fundamental o combate ao clericalismo.

– Em 29 e 30 de Abril de 1910 realiza-se o Congresso do Partido Republicano, no Porto.

Surto de greves em todo o País.

– A 6 de Outubro de 1910 é proclamada a República no Porto. De facto, nesta cidade, como Capital do Norte, é fortemente sentida a revolução, que se transmite paulatinamente a outras localidades nos dias que se seguem.

– Em Lisboa, porém, a República tinha sido proclamada nos Paços do Concelho, às 10h da manhã do dia 5 de Outubro. Aí grande massa popular foi sendo invadida pelo movimento revolucionário.

E no dia 10 de Outubro os assaltos populares marcam o triunfo da República em Portugal.

Antes tinham sido publicados decretos de encerramento dos conventos. São expulsas de Portugal as Ordens Religiosas. Na realidade, uma das resoluções a ser tomada tinha como pano de fundo a questão religiosa. Sem leis nem mandato oficial, os republicanos agitados andavam pelas casas religiosas, conhecidas como tal, maltratavam as pessoas que encontravam, selavam os haveres, utensílios, livros e profanavam os objectos sagrados.

Era assim o ambiente no país, nos primeiros anos de Maria da Conceição na vida religiosa.

A Madre Maria da Eucaristia, primeira responsável em Portugal pelas Religiosas do Sagrado Coração de Maria, tinha dado orientações às comunidades. Por isso, o SS.mo Sacramento, imagens e objectos sagrados tinham sido retirados previamente. As Irmãs tinham-se refugiado em casas de família ou de amigos. Muitas vezes, os assaltantes encontravam as casas religiosas despojadas de tudo o que era sagrado, frustrando assim os seus intuitos de profanação.

A lei vigente permitia às famílias acolherem apenas uma religiosa em suas casas. Ora aconteceu que, no Porto, havia uma família, a Família Neves, que tinha quatro filhas no Instituto do Sagrado Coração de Maria: as Madres Maria do Calvário, Maria dos Anjos, Gertrudes e Santa Face. O Sr. Neves foi então ao Governador Civil do Porto perguntar o que devia fazer com três das filhas, se as deixava fora de casa. O Governador, embaraçado e hesitante, disse-lhe que, excepcionalmente, acolhesse as quatro filhas em sua casa. Anedótico, mas real.

Capítulo Terceiro

O NOVICIADO

A Maria da Conceição fora admitida no Instituto do Sagrado Coração de Maria, no Porto, em 1907, pela Superiora Provincial, Madre Maria da Eucaristia. Mas fica aqui pouco tempo, indo para Penafiel, onde fará o Postulantado e o Noviciado.

Penafiel é uma pequena cidade airosa e acolhedora. A casa do Noviciado, bem situada, tem o desafogo de um grande quintal com árvores de fruta e lugares aprazíveis. É aí que as postulantes e noviças passam os seus recreios.

A Maria da Conceição entra a 16 de Março de 1907. Era então Mestra de Noviças a Madre Maria de Aquino Vieira Ribeiro – também natural de Trás-os-Montes, Chaves – que, com a sua intuição penetrante e observação atenta, cedo descobre em Maria da Conceição um carácter forte, com capaci-

dade para grandes coisas e pronta a seguir os acenos do Espírito Santo.

Por sua vez, desde o começo do Postulantado, a Maria da Conceição tem plena consciência de que vem para se entregar à oração, ao serviço de Deus, nas pessoas que lhe forem confiadas. «Ocupar-se de Deus e do seu serviço é viver em paz e ser feliz», máxima muito importante para Maria da Conceição que ela escreve nos seus apontamentos espirituais.

A Madre Maria de Aquino, porém, é substituída como Mestre de Noviças pela Madre Maria de Assis Gomes da Fonseca. Esta chega a Penafiel acompanhada pela Madre Maria da Eucaristia.

Para suavizar o peso da cruz imposta à sua humildade, a Madre Maria da Eucaristia fica ali um mês, orientando-a no exercício do seu novo ministério.

Na sequência do trabalho da Madre Maria de Aquino com as postulantes e noviças, a Madre Maria de Assis continua a formá-las na mesma linha de orientação.

É a Madre Maria de Assis muito exigente consigo mesma e com as suas formandas, sobretudo no espírito de fé e zelo, carisma do Instituto – segundo o Padre Gailhac, Fundador – na obediência, humildade e mortificação. A Maria da Conceição é assim bem treinada nestas virtudes, desde a sua entrada.

As Postulantes tomam o hábito a 20 de Setembro de 1907. A Maria da Conceição recebe o nome de Inês de Jesus e veste o hábito das Religiosas do Sagrado Coração de Maria. É a chamada «Tomada de Hábito».

Com o hábito recebe um símbolo que traz ao peito suspenso por um fio de prata. O símbolo tem de um lado a efígie do Salvador, ladeada das palavras: «Vim para que tenham vida». Do outro lado, Nossa Senhora, ladeada das palavras: «Eis aí a tua Mãe». O símbolo tem a forma de um coração e é constituído também por uma cruz lisa (isto é, sem o Cristo) e trifoliada, suspensa do coração. O Padre Gailhac dizia que a cruz era lisa para que fossem as Irmãs a imolar-se nela.

Não podemos duvidar de que a Irmã Inês de Jesus, sempre tão responsável e consciente de tudo o que faz, meça bem o alcance destes símbolos: nome novo e veste nova. É um começo novo, uma forma nova nos exercícios do Noviciado, atitudes novas na relação e sobretudo novos conhecimentos de Jesus Cristo e das Constituições. Nossa Senhora tem um lugar especial na formação das jovens, cujo olhar é constantemente dirigido para Ela, a fim de as orientar totalmente para Jesus. A divisa é: «Tudo para Jesus por Maria»!

Faz parte da formação o estudo e compreensão dos votos: castidade, pobreza e obediência.

Para isso, os diferentes exercícios de formação: aprendizagem da oração, leituras espirituais escolhidas, conferências da Mestra de Noviças e de sacerdotes, retiros, etc. A Eucaristia diária é o centro de toda a vida da noviça.

Não se excluem também os trabalhos de mão, segundo a inclinação de cada uma: pintura, desenho, etc. Tudo é orientado para que nestes trabalhos a noviça se aplique a manter-se na presença de Deus e a fazer tudo para sua glória e salvação das almas. O silêncio é religiosamente observado, falando, porém, quando necessário.

Assim se passa o ano de Noviciado. E a profissão religiosa em cerimônia pública realiza-se perante a Igreja, com a emissão dos primeiros votos de castidade, pobreza e obediência, no dia 10 de Janeiro de 1909.

Passam calmos os primeiros anos de professa para a Irmã Inês de Jesus. No pequeno colégio de Penafiel, anexo ao Noviciado, ajuda como as outras jovens professoras na formação das alunas. A estas dá também aulas de Francês, Desenho e Pintura.

Porém, como as perseguições revolucionárias se agudizassem cada vez mais em Portugal, a Madre Maria da Eucaristia, bem aconselhada por sacerdotes amigos, resolve transferir secretamente o Noviciado de Penafiel para Tuy. Aqui faz a Irmã Inês de Jesus os votos perpétuos – «para sempre» – o que corresponde bem aos anseios de entrega total ao seu Deus, até à morte.

É aqui que ela recebe a visita de sua Mãe. É a reconciliação profunda. A filha contente por poder abraçar sua Mãe. A Mãe feliz por ver a sua filha realizada e estimada pelas suas irmãs.

A Madre Maria da Eucaristia observa atentamente a Irmã Inês de Jesus, muito jovem, mas sensata e bem orientada nos caminhos de Deus. E, passados alguns anos, nomeia-a Mestra de Noviças, em substituição da Madre Maria de Assis.

São suas primeiras noviças: Maria da Conceição Osório (Almeidinha), Maria das Cinco Chagas Peixoto e Maria de Chantal Carvalhaes. Três religiosas que muito se distinguiam no Instituto pela centralidade das suas vidas em Jesus Cristo, pelo seu zelo e qualidades humanas ao serviço da Província Portuguesa... São felizes na relação com a jovem Mestra.

Podemos supor a boa formação que dá às suas noviças, pela própria formação e pelos dons com que Deus a enriqueceu: inteireza de carácter, vontade forte, admirável organizadora, bondosa e dedicada, firme nos seus princípios. Sempre atenta aos acenos do Espírito Santo, acenos que ela vê nos sinais dos tempos. Fortemente centrada em Cristo, possuindo o carisma do Instituto. Voltada para Nossa Senhora, cuja fé procura imitar.

Como ela é feliz na vida religiosa, procura tornar felizes as suas noviças.

Capítulo Quarto

RUMANDO AO BRASIL

Com a expulsão das Ordens Religiosas em Portugal, Deus abre caminhos novos às Religiosas do Sagrado Coração de Maria que pensam em ir para o Brasil, expandir o Reino de Deus.

Para isso, a Madre Maria da Eucaristia e a Madre Maria de Aquino vão a Bèziers – sede do Instituto – falar com a Superiora Geral, Madre Sainte Constance Farret, que nomeia a Madre Maria de Aquino Superiora da primeira comunidade no Brasil, quando esta se estabelecer.

No regresso a Portugal, passam por Lourdes e a Madre Maria de Aquino faz a sua oferta a Nossa Senhora: «Ofereço-me a todos os sacrifícios» – e foram além de toda a medida – «para salvar as minhas filhas». Referia-se às Irmãs da grande Comunidade do Colégio de Braga, onde era superiora.

A Irmã Inês de Jesus vê partir com saudade a Madre Maria de Aquino. À separação de sua Mãe,

que ela nunca esquece, juntar-se-ão outras separações frequentes e difíceis, ao longo da sua vida.

Estamos em 1911. Entre despedidas, em momento de agitação política no país, e incertezas de um futuro desconhecido, mas entregue a Deus, parte para o Brasil a Madre Maria de Aquino, no dia 21 de Fevereiro.

Leva consigo a Madre Maria de Assis Fonseca e a Madre Sainte Foy Conde, que, como intelectual que é, orientará os estudos no primeiro Colégio do Brasil, tão envolto em nevoeiro de insegurança, segundo notícias que de lá recebem.

Vencidas imensas dificuldades e obstáculos de um começo sem classificação, oito anos mais tarde, em 1919, a Madre Maria de Aquino volta à Europa para o Capítulo Geral. No regresso ao Brasil, passa por Tuy e, com a sua fina intuição, apercebe-se da maturidade da jovem Mestra de Noviças, Madre Inês de Jesus. Sugere à Madre Maria da Eucaristia levá-la consigo, pois seria uma sua boa colaboradora no Brasil. Acede ao pedido a Madre Maria da Eucaristia, interessada como está no progresso das recentes fundações transatlânticas. E lá vai a Madre Inês de Jesus em missão para o Brasil.

À chegada, é nomeada Superiora do Colégio do Rio de Janeiro, a segunda fundação das RSCM. A primeira fora na cidade de Ubá.

Não é sem surpresa geral, da comunidade, tal nomeação, pois parece tão jovem e tão franzina. Mas a Madre Inês de Jesus não tardará a dar provas de maturidade e de qualidades de governo, em que virá a tornar-se exímia, mais tarde, como Provincial.

A partir de 1925, a educação cristã da juventude feminina nos Colégios do SCM no Brasil toma um ritmo cada vez mais intenso. Os Colégios de Belo Horizonte, S. Paulo e Vitória vêm rivalizar com as



Colégio do Sagrado Coração de Maria – Vitória.



Fachada do Colégio do Rio de Janeiro.

primeiras fundações, agora em pleno desenvolvimento – Ubá e Rio de Janeiro.

O Colégio de Belo Horizonte, fundado em 1928, tem como primeira Superiora a Madre Inês de Jesus, que lhe dá grande impulso, arriscando a construção de um edifício digno da bela e progressiva «Cidade das Rosas». Tudo isto, porém, enraizado na cruz e privações dos primeiros tempos.

Por poucos anos desfruta a Madre Inês de Jesus da suavidade daquele ambiente que a sua orientação inteligente criara. Em 1932 sucede à Madre Maria de Aquino na responsabilidade de Provincial e passa a viver no Rio de Janeiro, onde se situa o Centro Provincial.

Em todas estas situações, a Madre Inês de Jesus é irmã entre irmãs. Sua vida interior e espírito de serviço são resposta de fé e zelo ao grande amor de Deus que a invade.

Colaboradora dedicada da Madre Maria de Aquino – fundadora das primeiras casas do SCM no Brasil –, a Madre Inês de Jesus, ao terminar o seu mandato de Provincial, é respectivamente superiora nos Colégios do Rio de Janeiro, Ubá e Belo Horizonte. E entretanto é designada como Mestra de Noviças no Noviciado que acaba de ser estabelecido em Belo Horizonte.



Colégio de Ubá.



Colégio de Belo Horizonte.

De novo eleita Provincial, lança os fundamentos dos Colégios de S. Paulo e Vitória, que lhe perpetuam a lembrança.

Na sua missão de criar ou manter obras de tão grande alcance para a educação cristã, a Madre Inês de Jesus dá grande impulso aos colégios então existentes, assim como às escolas gratuitas anexas a esses colégios.

É ela ainda que transfere o Noviciado de Belo Horizonte para o Rio de Janeiro, que então oferecia melhores condições para a formação, quer espiritual, quer bíblica e intelectual das jovens candidatas ou pré-noviças.

As suas visitas às comunidades, as suas cartas estimulam as religiosas ao dom total, à vida de sacrifício, à santidade, «única coisa pela qual se deve lutar», diz ela. Conhecida a vontade de Deus, nada a faz recuar. Coração generoso e abnegado, enfrenta dificuldades, por vezes quase insuperáveis.

Com o falecimento da Madre Maria de Aquino, em 1937, a Madre Inês de Jesus perde o seu grande apoio na terra, mas adquire no Céu uma intercessora cuja santidade não esquecerá jamais.

*Fachada**Sala de entrada**Pátio interior**Dormitório*

Colégio Sagrado Coração de Maria – São Paulo.

Capítulo Quinto

REGRESSO A PORTUGAL

Em 1946, depois do Capítulo Geral, e depois de vinte e sete anos de intensa actividade no Brasil, a Madre Inês de Jesus é transferida para Portugal. Vem também como Provincial.

Em sua carta de Lisboa, comunicando não voltar para o Brasil, a Madre Inês de Jesus expande o seu coração com as Irmãs Brasileiras. «De longe acompanharei em espírito o progresso dessa querida Província, onde passei dias muito felizes e onde dei o que tinha de melhor e o melhor que soube e quis fazer».

De facto, a lembrança saudosa do Brasil acompanha-a durante toda a sua vida, no que lhe resta para viver.

Em Portugal, tem a grande consolação de estabelecer, em Fátima, uma casa construída de raiz, na Cova da Iria, em 1947. É um colégio onde tem a alegria de acolher a Marquesa Paccelli, irmã do

*Colégio de Fátima.*

então Papa Pio XII, a qual veio confiar aos cuidados maternos de Nossa Senhora de Fátima a sua filha doente.

A Madre Inês de Jesus preocupa-se com a operação à vista da Madre Gérard Phelan, Superiora Geral. Dizendo-lhe que as Irmãs têm presente esta intenção junto da Senhora de Fátima, dá-lhe notícias da Marquesa Paccelli e de sua filha, bem como da Condessa Ana, sua sobrinha, e também da Madre Sainte Claire, Superiora da Comunidade de Roma, na Via Nomentana. Fala-lhe também da vinda de Madame Palot e da Mère Aloysius, de Bèziers. Alude ainda à visão do Santo Padre – os mesmos sinais do

Sol vistos em Fátima – na véspera da definição do dogma da Assunção de Nossa Senhora.

O Papa Pio XII teria dito, a respeito desta vinda a Fátima de sua irmã, a Marquesa Paccelli: «os Paccelli são para sofrer».

A consolação da Madre Inês de Jesus em receber a Marquesa Paccelli liga-se ao facto de esta e sua filha viverem na nossa Casa da Via Nomentana, em Roma, que é, ao mesmo tempo, colégio.

Por esta altura, vem a Fátima o Cardeal de Lourenço Marques e, tendo conhecimento da boa educação e instrução dos Colégios do Sagrado Coração de Maria, procura encontrar-se com a Madre Inês de Jesus para a convidar para uma fundação em Lourenço Marques. Quase ao mesmo tempo, recebe o convite de um Bispo de Angola, em Lobito.

Algum tempo depois, comunica à Superiora Geral que tais fundações não podem concretizar-se por dificuldades *in loco*, mas que até se sente feliz porque tem outro pedido de fundação em Moçambique que lhe merece mais confiança. Trata-se de um Colégio já existente em Quelimane, na Diocese da Beira, onde o Bispo, D. Sebastião Soares

Rezende, é conhecido e muito amigo das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, em Portugal.

A Madre Inês de Jesus, no auge do entusiasmo, desabafa com a Superiora Geral: «As missões têm sido a minha grande vocação, em toda a minha vida».

O Noviciado foi, depois de Fátima, o grande objecto da solicitude da Madre Inês de Jesus. Encontra-o em esperançoso florescimento, após as vicissitudes do exílio e a longa provação da carência de vocações que atingiu todos os Institutos Religiosos em Portugal, nos longos anos que se seguiram à revolução.



Casa das Religiosas do Sagrado Coração de Maria em Guimarães.



Solar da Torre, em Braga.

Deseja a Madre Inês de Jesus transferir o Noviciado, que se encontrava em Guimarães, no rés do chão do Palácio Vila Pouca e anexo ao Colégio, para uma casa ampla e independente e onde os meios espirituais fossem mais abundantes. De facto, os Padres Jesuítas tinham deixado a Costa, em Guimarães, após incêndio.

Vem a Providência ao encontro do seu desejo, inspirando à Senhora Viscondessa da Torre a determinação de deixar em testamento à sua afilhada, a Madre Maria de Gethsémani Feio, Religiosa do Sagrado Coração de Maria, o Solar do Largo das Carvalheiras, em Braga.

Alguns anos passados, falecia piedosamente a generosa titular, Viscondessa da Torre.

Nesse mesmo ano, na festa de Santa Teresa de Lisièux, o Senhor Arcebispo inaugurava, no salão nobre, a Capela que benzeu, celebrando ali a primeira Eucaristia. O Solar tinha capela própria e independente no terraço central, mas era pequena para o Noviciado.

A partir de então, a antiga Casa da Torre passa a denominar-se Solar do Sagrado Coração de Maria.

Depois destas duas grandes obras – o Colégio de Fátima e o Noviciado – a Madre Inês de Jesus pode entregar-se ao sonho que a acompanhou a vida inteira: ser verdadeiramente missionária «ad gentes».

Capítulo Sexto

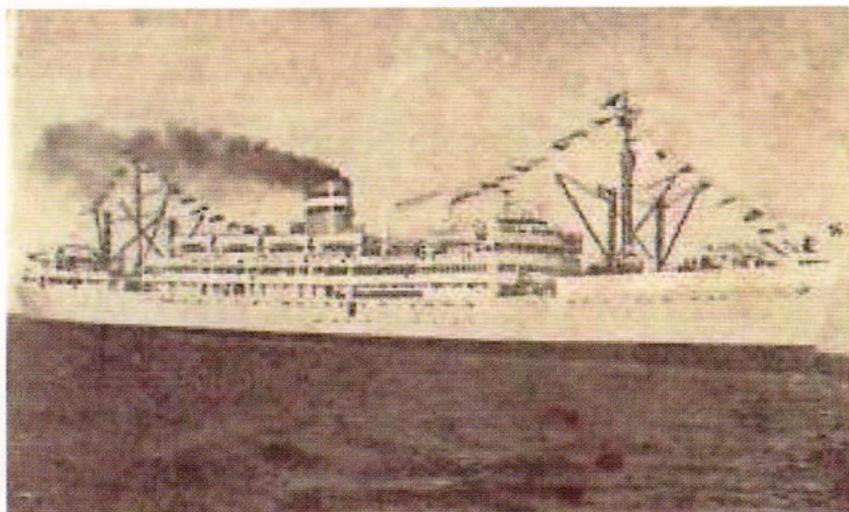
O EMBARQUE NO «PÁTRIA» – QUELIMANE, ESCOLHA DIVINA –

O sonho que acompanhou a vida inteira da Madre Inês de Jesus tem o início da sua concretização com o embarque no «Pátria», rumo a Moçambique.

Um jornal de Lisboa dá a notícia:

«No dia 16 do corrente (Setembro de 1952) embarcaram no “Pátria” doze religiosas dos diversos colégios do Instituto do Sagrado Coração de Maria, em Portugal, que vão fundar em Quelimane, na África Oriental Portuguesa, o primeiro colégio deste Instituto.

A Missão é superiormente dirigida pela Superiora Provincial, Madre Inês de Jesus que, nos últimos anos, dirigiu os colégios de Portugal, depois de ter fundado os grandes colégios de S. Paulo, de Belo Horizonte e de outras cidades do Brasil, durante os 27 anos em que exerceu a sua meritória actividade como Provincial dos Colégios Sacré Coeur de Marie



Paquete «Pátria».

do Brasil, na sucessão do cargo da Madre Maria de Aquino, fundadora portuguesa do primeiro colégio deste Instituto no Rio de Janeiro em Copacabana, hoje frequentado por mais de 1.100 alunas.

São de recordar as tremendas dificuldades que as duas religiosas enfrentaram no Brasil, quando as congregações religiosas foram expulsas de Portugal, com a implantação do regime republicano. Sofreram fome e privações de toda a espécie, antes da frutificação da sua obra prodigiosa.

Madre Maria de Aquino faleceu após uma vida exemplar e por sua intercessão têm sido concedidas muitas graças.

A virtuosa Superiora Provincial, com idade superior a 60 anos, viu agora efectivada a suprema aspira-

ção de toda a sua vida, desde criança: ir para as terras africanas evangelizar e eleger almas para Deus.

Muitas pessoas compareceram na Rocha do Conde de Óbidos para apresentar cumprimentos à Superiora Provincial e às religiosas que embarcaram. Entre elas, o Sr. Dr. Trigo de Negreiros com a esposa e outras pessoas que tiveram conhecimento do embarque».

Não é, de facto, para Lourenço Marques nem para Lobito que Deus chama as RSCM, mas para Quelimane, Diocese da Beira, onde é Bispo D. Sebastião Soares Rezende, como vimos atrás.

A Madre Inês de Jesus chama a Lisboa as Irmãs que ela previamente escolhera. Faz com elas o retiro



Recepção do crucifixo.

anual de oito dias. E no fim recebem todas a cruz missionária, em cerimónia à qual a Irmã Margarida Maria Gonçalves, que lhe sucede, como Provincial, e a comunidade do Colégio de Lisboa querem dar o relevo que merece a primeira debandada missionária para África.

Assim espiritualmente preparadas, podem partir.

As primeiras missionárias, além da Madre Inês de Jesus, são: a Irmã Albert Higgins (irlandesa), sua grande colaboradora no Brasil; a Irmã Maria de Pazzi (brasileira), bem sua conhecida; a Irmã Maria Verónica Ryan (irlandesa), há muito tempo residente em Portugal e com grande espírito missionário. As restantes são portuguesas: Irmã Maria Imelda Correia de Almeida; Irmã Maria de Aquino Pereira; Irmã Maria Eugénia Mocho; Irmã Regina Marques; Irmã Maria das Dores Mouta; Irmã Felicidade Campos; Irmã Serafina Marques e Irmã Carlinda Vitorino.

É, logo de princípio, uma comunidade internacional que se irá enriquecer, no decorrer dos tempos, até à independência de Moçambique, com Irmãs de outras nacionalidades.



Colégio de Lisboa.



Capítulo Sétimo

UMA LONGA VIAGEM

Os preparativos para a viagem tinham sido desgastantes para as doze missionárias. O embarque no «Pátria», porém, é um surpreendente sedativo. Na tranquilidade das águas serenas do estuário do Tejo mergulha toda a ansiedade dos dias e sobretudo dos longos serões das vésperas. A transição da ansiedade para a tranquilidade é notória nas gargalhadas que acompanham as conversas no convés do «Pátria». Estas recaem sobre incidentes dos dias e sobretudo das noitadas anteriores, que são, por vezes, verdadeiras anedotas.

Do Diário de Bordo da Irmã Maria das Mercês:
«Partida de Lisboa em 16 de Setembro de 1952, às 12h20, a bordo do Paquete Pátria... Estiveram a bordo muitas pessoas amigas, entre as quais a nova Provincial, Irmã Margarida Maria Gonçalves.

Em 18/9 – Chegada à Madeira pelas 16h e partida cerca das 24h. Não descemos por ser já tarde. Apreciámos a Ilha com um binóculo e divertimo-nos com os pequenos mergulhadores apanhando as moedas lançadas à água pelos passageiros. Uma ex-aluna veio a bordo e bem nos queria levar a sua casa.

Antes de chegar a S. Tomé e Príncipe, cruzámos com o “Império”, donde recebemos uma mensagem de Antigas Alunas que nele viajavam. Lemos também uma carta da Superiora Geral.

25/9 – Chegada a S. Tomé. Estavam os cunhados das Irmãs Maria do Carmo Azeredo e Maria de Santo António. Almoçámos e demos uma volta à cidade com um missionário que lá trabalhava. Durante aquelas breves horas, sentimo-nos num ambiente verdadeiramente familiar.

À passagem no Equador fizemos a nossa solenidade privativa do “baptismo”, pois quase todas ali passavam pela primeira vez.

27/9 – Chegada a Luanda. Encontro com Antigas Alunas e seus familiares. Passeio pela cidade.

28/9 – Lobito. Uma volta pela cidade com famílias amigas.

29/9 – Cape Town. A dois passos do “Gigante Adamastor” sentimo-nos intrépidas para enfrentar o abraço dos dois Oceanos, sempre tão perto da costa que se distinguíam perfeitamente as povoações.

6/10 – O barco atracou no porto de Lourenço Marques. Esperavam-nos muitas pessoas da grande família do S.C.M. que temos espalhada por todo o mundo – família das nossas Irmãs e alunas, e Antigas Alunas. Passeámos muito, ficando a conhecer a linda cidade de Lourenço Marques. Durante a nossa estadia ali, dias 6 e 7, foi inaugurado o Liceu Salazar.

9/10 – Chegada à Beira. Mais Antigas Alunas – uma delas de Tuy –, o Vigário Geral da Diocese e outro Padre que nos conduziram à residência do nosso Bispo, D. Sebastião Soares de Resende».

Deixamos agora o Diário de Bordo da Irmã Maria das Mercês e vamos seguir o da Irmã Maria de Aquino. Diz ela:

«A primeira coisa que fizemos ao chegar à Beira, no dia 11, foi apresentar-nos ao Sr. Bispo, D. Sebastião Soares de Rezende, para o cumprimentar. Causou grande sensação o grupo das doze Irmãs

que foram recebidas com todo o carinho por Sua Excelência Reverendíssima, que se mostrava muito contente por ver o seu sonho realizado: as Religiosas do Sagrado Coração de Maria na sua Diocese.

Para todas teve palavras de ânimo e de carinho paternal e, em pouco tempo, ficámos à vontade. Cantámos o Hino Missionário:

- 1 – Ó falange escolhida, eia avante!
Eia avante às longínquas Missões!
Já se ouve este lema vibrante:
Dá-me almas, Senhor, aos milhões!

- 2 – O meu ser todo em chamas palpita:
Salvar almas, mostrar-lhes a luz!
Saciar-lhes a sede infinita:
Salvar almas! Levar-lhes Jesus!

- 3 – Não tememos a cruz e os espinhos,
As carícias divinas do Amor...
Foi também por sangrentos caminhos
Que passaste, ó Jesus Redentor!

- 4 – Por Maria teremos vitória
Nesta vida de imolação

Cantaremos, num hino de glória,
O triunfo do seu Coração!

CORO:

Tudo para Jesus,
No Coração de Maria,
Abraçando a cruz,
Com santa alegria!
Tudo para Jesus por Maria!

*Letra de Irmã Maria de Pazzi; Música de Irmã
Maria do Espírito Santo Bettencourt*

12/10 – Tivemos a Eucaristia no “Pátria”, celebrada por Mons. Pinho, Vigário Geral da Diocese. Depois do pequeno-almoço, voltámos a sair.

13/10 – Eucaristia no barco costeiro, o “Sena”. Depois do pequeno-almoço, o barco partiu, rumo a Quelimane. A alegria contagiante do grupo missionário aumentava, à medida em que o barco se ia aproximando da meta final, tão suspirada. Quase nem dormimos, a espreitar pelas vigias do barco. E, ao romper da manhã, viemos para o convés. Fizemos aí a nossa oração de Laudes, louvando e agradecen-

do ao Senhor as graças que nos concedera durante toda a viagem, as maravilhas que apreciámos.

E, neste cantar de louvores, descobrimos, lá longe, uma zona verde que se ia alongando – o palmar maior que é o de Quelimane, na sua beleza e grandeza sem igual.

Pelas 5 horas da manhã, o barco entra na Baía dos Bons Sinais e, pelas 9, lança âncoras em frente da “rampa da Madal”, cais então improvisado à espera do definitivo. Grande movimento e aglomeração de pessoas na rampa».

Capítulo Oitavo

CHEGADA EM APOTEOSE

Atinge o auge a alegria do grupo missionário. As pessoas que as esperam parecem partilhar idêntica alegria e entusiasmo. Surpreendente contágio entre quem chega e quem espera a chegada. É a previsão da recepção simples e amiga das pessoas – e são tantas! – às quais a distância turva a visão longínqua.

Deixemos, porém, continuar o Diário de Bordo da Irmã Maria de Aquino:

«Logo os botes começaram o seu vai e vem e algumas altas individualidades vieram apresentar cumprimentos de Boas Vindas, assim como alguns professores e alunos. Os alunos prontificaram-se a ajudar-nos, trazendo para terra os sacos e bagagens mais leves. Após as apresentações e cumprimentos, dirigimo-nos, em meio de grande alegria e cânticos: “Ó minha Terra”, para a rampa da Madal. Aqui encontravam-se, além de Mons. Guerreiro, o Presidente da Câmara, Senhor Nunes Correia e

Esposa, o Senhor Inspector Escolar Alves Correia e Esposa, Directores das Companhias da Zambézia, Madal, Boror, Vereadores da Câmara e outras personalidades da cidade. Representações de várias Missões: as Irmãs Franciscanas de Maria Imaculada e alunos; os missionários dos arredores: Inhassunge, Sagrada Família, Nicoadala, os alunos da Escola Primária e seus professores e os alunos do Colégio Nuno Álvares – “nosso Colégio” – com os seus professores; habitantes da cidade e nativos.

Após os cumprimentos, seguimos para a nossa residência, que fora antiga residência dos Padres Jesuítas. Simples e pobre desde o início, e então residência paroquial onde vivia Mons. Guerreiro. Este cedeu-no-la e foi viver para a “Pouca Sorte”, casa pobrezinha, desconfortável, sem vidros nas janelas».

As Irmãs ficam muito reconhecidas a Mons. Guerreiro por tanta abnegação e generosidade. Podemos supor como seria a nossa «nova casa», se ela tinha sido dos Padres Jesuítas e por ela tinham passado bem mais de cem anos, «simples e pobre desde o início».

A contrastar com tudo isto, em que ela vê a vontade de Deus, a Madre Inês de Jesus lembra a carta que escreveu à Superiora Geral, Madre Gérard

Phelan, Irlandesa, dias antes. Nela se mostrava maravilhada diante da variedade e encanto de toda a paisagem, que a proximidade do barco à costa permitia contemplar.

E, quase no fim da viagem, escrevia então:

«Estamos encantadas com a beleza das cidades que temos visto, bem como dos portos em que temos entrado».

E ao passar na Cidade do Cabo, Capetown, o seu amor ao Instituto e expansão do mesmo leva-a a continuar: «É pena que não tenhamos casa em Capetown, pois é uma cidade próspera e grande, onde há muitos irlandeses, como Dominicanos e outros. Há também bons colégios de Religiosas do Loreto, Dominicanas, Sacré-Coeur de Jésus, e ainda há lugar para nós».

Pretende assim convencer a Superiora Geral a uma fundação de língua inglesa.

«Enfim, achamos que a África é muito mais avançada do que supúnhamos. Tudo o que vemos é uma verdadeira revelação, pois não esperávamos tanto progresso. É um continente que acaba de nascer e se desenvolve com promessas de futuro. Os africanos estão separados dos brancos e ficam-se mais pelo interior, na selva. Até para a Missa aos Domingos,

há uma para os brancos, outra para os africanos. Parece-me que nós estamos em atraso em relação a outras congregações que nos ultrapassaram. Que Deus nos ajude para que o Instituto e as Religiosas do Sagrado Coração de Maria possam alinhar com as outras congregações que já são muito prósperas».

É uma carta muito longa, com aspectos práticos e de interesse para a missão que vai iniciar. Assim continua:

«O Brasil podia-nos ajudar muito porque as alunas dão todos os anos milhões a favor das missões e dos missionários. Penso que agora devia pensar na nossa Missão – nossa, do Instituto – e sei que o fariam de boa vontade se vós, querida Madre, dissesseis uma palavra em nosso favor à querida Madre Xavier Twomey» – a Provincial que a tinha substituído no Brasil, seis anos antes.

Voltemos, porém, à «nova casa simples e pobre» desde o início.

A Madre Inês de Jesus, ao lembrar os encantos e surpresas da viagem, sabia, de antemão, por informações do Sr. Bispo, que em Quelimane não seria assim. Por isso o que vê agora não a surpreende, e procura alegremente aceitar a vontade de Deus.

Capítulo Nono

AMIGOS NA POBREZA E VIDA NOVA

As recém-chegadas missionárias não arrefecem no seu ardor missionário e no entusiasmo, ao depararem com a nova situação.

Continua o Diário da Irmã Maria de Aquino:

«O terreno da nossa casa tinha a configuração de um quadrado. Num dos lados era a entrada. Havia um muro alto em toda a volta, tudo muito velho e prestes a desmoronar-se.

Ao transpor o portal (sem porta) deparámos com uma imagem do Sagrado Coração de Jesus, de braços abertos, sobre uma coluna de cimento, mesmo a querer acolher-nos em seu Coração.

A casa de estilo colonial e de um só piso, de paredes altas e largas, ficava rodeada por um muro. Havia uma pequenina oliveira, muito velhinha, que se dizia ser ainda do tempo dos jesuítas.

Dentro do quintal fervilhavam dezenas de operários nativos que trabalhavam na reconstrução da

casa e de uma parte lateral onde iriam ser as salas de aula do Colégio e a Capela.

Logo de início, as nossas vizinhas, Irmãs Franciscanas do Instituto (assim se chamava a casa em que educavam crianças pobres) nos acolheram com todo o carinho, oferecendo-nos as principais refeições. Os nossos exercícios espirituais eram feitos na sua capelinha e quando lá havia Eucaristia, nós participávamos. Habitualmente, porém, íamos à Igreja Paroquial, enquanto não tivemos capela e capelão.

Esta grande caridade das Irmãs franciscanas prolongou-se por muitos dias, precisamente enquanto não tivemos as nossas coisas arrumadas, ou melhor, meio arrumadas, pois nada havia em casa. Conforme se iam abrindo os caixotes iam aparecendo as surpresas e o que nos era mais necessário.

Quase diariamente nos apareciam presentes de pessoas desconhecidas, das quais a Madre Inês de Jesus tomava nota para depois transmitir à comunidade».

A Irmã Maria das Mercês tem um pormenor interessante, no seu Diário:

«À nossa chegada, algumas senhoras espalhavam flores no chão, deixando-nos depois sós, para estar-



Novos reforços de Irmãs.

mos à vontade. E nós passámos o dia entre dezenas de caixotes, manejando o serrote e o martelo, como profissionais. Todos procuravam ajudar-nos, enviando-nos o que achavam podia fazer-nos jeito».

Voltemos ao Diário da Irmã Maria de Aquino:

«É de salientar a preciosa e carinhosa colaboração da D. Judite Castro, irmã da saudosa e falecida Madre SS.ma Trindade Castro, e que vivia em Pebane, na plantação do Porto Colonial. Veio com o jipe carregado de presentes: galinhas, ovos, fruta, hortaliças e legumes, e tudo o que lhe parecia ser-nos útil e necessário. Sempre que vinha à cidade, lá

trazia ela os seus presentinhos. Mais tarde, quando o Colégio já estava em funcionamento pleno, todos os seus cinco filhos vieram para o Colégio, até a mais pequenina, a Joãozinho.

As Irmãs Maria Regina Marques e Maria de Aquino principiaram logo a dar aulas – na Escola Vasco da Gama, onde funcionavam as salas do Colégio – devido a dois professores se terem demitido, logo que chegámos.

As outras Irmãs iniciaram as suas actividades escolares em Novembro, já na nossa casa, ainda sem portas e janelas, o que dava ocasião a que os operários e até pessoas que passavam na rua parassem para nos ouvirem.

O mobiliário era o mais rudimentar possível, feito por nós dos caixotes da gasolina, e constava de mesas da cozinha, mesinhas de cabeceira, etc.

Este novo mobiliário chamava-se MARCA SHELL, nome dado por um médico que disse: “Dizem que as Irmãs são ricas, mas é preciso entrar cá dentro para se ver a realidade, pelo estilo do mobiliário”.

O nosso apostolado começou, primeiramente, com os alunos nas aulas de Religião e Moral. E em todas as ocasiões propícias, atingindo-se também os pais e familiares.

À noite era com os operários em pequenos grupos, visto que as nossas actividades escolares e o esforço de adaptação ao clima e à maneira de viver, em geral, não nos deixavam espaços disponíveis para apostolados/extra e exteriores pelas redondezas da cidade, o que se realizou, passado algum tempo, quando chegaram novos reforços de Irmãs.

Por insistência do Sr. Arcebispo, D. Sebastião Soares de Rezende e pela verificação de que a continuação dos nossos hábitos em lã e cor azul era insustentável no clima excessivamente quente de Quelimane, a Madre Inês de Jesus convenceu-se, e, de acordo com a comunidade, viu que era melhor para a saúde mudar para tecido branco de algodão.



«Segunda Vestição».

Com licença da Superiora Geral, começámos a usar o hábito branco no dia 8 de Dezembro, dia da Imaculada Conceição, e dia de grande festa no Instituto. Foi o dia escolhido para a nossa “Segunda Vestição”. A pequena comunidade missionária exultou de alegria e exclamações ao vermo-nos todas de branco dos pés à cabeça».

«Nesse mesmo dia recebeu o Baptismo uma jovem europeia preparada por uma das Irmãs», acrescenta a Irmã Maria das Mercês.

Bela e simbólica analogia – alma branca habitada pelo Espírito Santo; hábito branco e leve – leveza para voar enviadas em missão.

Sempre solícita em dar informações à Superiora Geral, a Madre Inês de Jesus diz-lhe como se sentem mais leves e com menos calor, agora com os hábitos brancos.

Na sua simplicidade e sempre atenta ao bem das Irmãs, a Madre Inês de Jesus pede à Superiora Geral uma carrinha de nove lugares para a comunidade poder ir à praia e descansar. Dá-lhe também a agradável notícia de que o Sr. Bispo da Beira veio ao Colégio assistir a uma peça teatral. Que o Governador da Zambézia e o Presidente da Câmara

de Quelimane estiveram também presentes e ofereceram quantias de dinheiro para as futuras obras de ampliação do Colégio. E ainda que o Sr. Bispo da Beira quer as Irmãs do Sagrado Coração de Maria na Beira a orientar um Colégio.

Capítulo Décimo

SOLICITUDE COM AS IRMÃS – COMBATE AO RACISMO – SOLICITAÇÕES – CANSAÇO

Dom de si mesma, bondade, desejo de tornar felizes as suas Irmãs, são algumas das qualidades que, de um modo particular, ela vai pôr ao serviço da comunidade, em Quelimane. Tem consciência da saudade com que as Irmãs lembram a família, os amigos e as suas comunidades na Metrópole. E, ainda, da falta de muita coisa que antes tinham em abundância e sem custo. Para ajudar a enfraquecer tal lembrança, ela fomenta uma sã e fraterna alegria.

Procura conhecer cada Irmã e ter com cada uma delas uma relação individualizada e concretizada em gestos espontâneos e amigos.

Vejam os testemunhos das Irmãs Maria Imelda Correia, Maria das Mercês Mocho, Regina Marques e Ilda Mouta, depois de terem voltado para Portugal, após a independência de Moçambique. Depois do Concílio Vaticano II, estas Irmãs voltaram ao seu

nome de Baptismo, respectivamente, Irmãs Maria Estela, Maria Eugénia, Maria de Lourdes e Maria das Dores. A Irmã Maria da Natividade já tinha falecido em Portugal, na altura de se pedirem os testemunhos sobre a Madre Inês de Jesus.

Vamos então a esses testemunhos. Para simplificar, não identificaremos a autora.

«Gostava de ver as Irmãs brincar alegremente, deixava à vontade, não inibia de coisa alguma».

«Criava um ambiente bom, sereno, de confiança. Sabia ouvir até ao fim, sobretudo se havia alguma queixa entre duas pessoas e dizia: “É preciso ouvir tocar todos os sinos”».

«As Irmãs sentiam-se muito à vontade para fazer brincadeira e a Madre Inês de Jesus prestava-se a ser enganada e ria-se muito sempre que o era».

«As Irmãs da comunidade sentiam segurança na Madre Inês de Jesus. Era um sentimento que radicava na sua maneira de ser, na sua pessoa. Igual para todas, aceitando as diferenças. Particularmente, agia com cada Irmã como pessoa única, com as suas qualidades e fragilidades. Muito humana, muito solícita em que nada faltasse às Irmãs. Respeitadora e delicada, tratava a todas com respeito e delicadeza.

Impunha-se pela sua vida: muito igual a si mesma, muito serena e muito simples».

Quanto à saúde:

«Tinha cuidado e preocupação com a saúde e alimentação das Irmãs, com o seu bem-estar. Afligia-se muito quando alguma adoecia».

«Proporcionava às Irmãs irem à praia todos os dias, em tempo de férias, para mudarem de ares e descansar. Mas a praia era a dezassete quilómetros e era cansativo ir e vir diariamente. Começaram a desistir a pouco e pouco. Por fim já não iam. E a Madre Inês até chorou...»

«O pai de uma aluna de Marymount, na América do Norte, que era proprietário da Empresa de carros Dodge, ofereceu uma carrinha de nove lugares. A Madre Inês de Jesus exultou de alegria porque assim as Irmãs já podiam ir à praia».

Apesar disso, acha que deviam ter outra casa em Moçambique, num clima diferente de Quelimane, que é húmido e quente. Assim mudariam de ares durante as férias, verdadeiramente.

E o Sr. Bispo sugere uma fundação no Gurué, nas montanhas, com bons ares e uma linda vista,

não só ao longe, mas também com a plantação de chá, nas colinas.

O Governador oferece o terreno para um Colégio.

De tudo isto dá contas à Superiora Geral nas suas frequentes cartas.

«No Colégio de Quelimane, onde a princípio havia apenas brancos – mas onde brevemente admitiria africanos – a Madre Inês de Jesus combateu o racismo entre os alunos. Estes estavam habituados a ir de bicicleta para o Colégio, e, ao lado a pé, ia o moleque com a pasta dos livros. Às 10h vinha de novo o moleque trazer a merenda da manhã. Se o aluno a não queria, atirava-a de longe ao moleque.

A Madre Inês de Jesus proibiu tais coisas, terminantemente. Os alunos deviam trazer as suas pastas de livros e a sua merenda, logo na entrada da manhã.

Depois da admissão de alunos africanos, como estes não tinham em casa condições para estudo, a Madre Inês de Jesus e as Irmãs admitiram-nos gratuitamente a estudar no Colégio. Mas eles não vinham.

O Inspector disse-lhes então que tudo o que era gratuito, para os africanos, não tinha valor. Começaram, pois, a propor 50\$00 (cinquenta escudos) e as salas de estudo encheram-se».

A Madre Inês de Jesus, porém, começa a sentir-se cansada e ansiosa. E desabafa com a Superiora Geral: «Sinto ansiedade pela fundação da Beira, onde o Bispo nos convida a fundar um Colégio. Pergunto-me onde encontrar religiosas à altura das esperanças que deposita em nós. Sinto-me sobrecarregada e, por vezes, aflijo-me com ninharias». Vê-se a que ponto chegou o seu cansaço físico e psicológico.

O seu zelo leva-a a sugerir à Superiora Geral uma fundação na Rodésia (hoje Zimbabwe), em Untali, cidade na fronteira com Moçambique. Diz-lhe que também na Guiné Bissau pedem uma fundação, mas acrescenta: «É preciso consolidar primeiro as nossas fundações em Moçambique».

Ao terminar este Capítulo, vejamos o testemunho final da Irmã Maria Eugénia Mocho: «Dos nove anos que passei em Quelimane – daqui fui depois para uma Escola de Professoras nativas no Dondo, Beira – tenho as melhores recordações. Uma comunidade apostólica empenhada, onde reinava união, amizade e alegria. A família religiosa como que se prolongava a toda a cidade através dos seus alunos e familiares. Era realmente uma cidade pequena com características de genuína aldeia portuguesa, onde todos se conhecem e estimam».

Capítulo Décimo Primeiro

DESAFIO AOS JOVENS – SER APÓSTOLOS EXERCÍCIO DO ZELO

Conhecemos, desde longa data, o zelo ardente da Madre Inês de Jesus. Como ele se expressa no desejo da Glória de Deus, em novas fundações, na santificação e bem-estar das suas Irmãs e na educação cristã e profana dos alunos. Vamos verificar agora tal zelo, a que se associam as Irmãs, educando e formando os alunos como apóstolos por sua vez.

Ouçamos o testemunho da Irmã Maria Eugénia Mocho, licenciada, professora de matemática e directora do Colégio:

«Na verdade, desde que chegámos à cidade, procurámos expandir o Reino de Deus. Logo de princípio organizou-se a catequese à noite para empregados domésticos. Fundou-se um núcleo da JOC e da JOCF (Juventude Operária Católica e Juventude Operária Católica Feminina). Entre os alunos havia núcleos da JEC e da JECF (respectivamen-

te Juventude Escolar Católica e Juventude Escolar Católica Feminina). Floresceu a Congregação Mariana e outros Movimentos Apostólicos de então.

O Colégio possuía uma óptima biblioteca – BIBLIOTECA NUNO ÁLVARES – com grande movimento e utilizada não só pela comunidade escolar, como também por muitas pessoas da cidade.

Passou a ter óptimos laboratórios, muito bom equipamento a todos os níveis, e um nível de ensino considerado o melhor em Moçambique.

As Irmãs, muito unidas, dedicavam-se com entusiasmo à instrução e formação moral dos alunos de todas as cores e religiões.

É de dizer que houve sempre em Moçambique muitos orientais, sobretudo indianos e chineses. E todos têm de assistir às aulas de Religião e Moral, segundo o Regulamento do Colégio.

Muitos destes alunos vêm de vilas distantes, onde habitam seus pais, e estão hospedados em famílias de Quelimane.

À dedicação das Irmãs corresponde a boa vontade dos alunos em as ajudar de algum modo, pois vêm as dificuldades dos primeiros tempos.

Assim fundaram entre si a COMPANHIA DA ALEGRIA em que fazem récitas ao ar livre a fim de

angariarem dinheiro, para ventoinhas da capela e das classes, rádio dos alunos, etc.

Pelo Carnaval organizam-se tardes recreativas, como barracas de prendas, chá e bolos, oferta dos alunos e das casas comerciais da cidade.

Há, de facto, uma grande interpenetração entre o Colégio e a cidade. Deste modo, na procissão do SS.mo Sacramento as pessoas da cidade cortavam os ramos de palmeiras e levavam-nos ao Colégio. Os alunos orientados pelas Irmãs colocavam as folhas de palmeira pelas ruas, de cinco em cinco passos.

Em tudo isto a Madre Inês de Jesus aparece com o seu sorriso e palavras de agradecimento, apesar do cansaço que se acentua».

Em carta de então à Superiora Geral refere os 34 baptizados «in extremis» de bebés, que morreram, e que bendirão o nome de Deus, em primeiro lugar, e o nome da Superiora Geral, por ter enviado as missionárias do Sagrado Coração de Maria para os salvar. E acrescenta: «Algumas vezes brincamos falando do cortejo de negrinhos que o nosso Fundador tem em seu seguimento. É que nove bebés tiveram no baptismo o nome de Jean Gailhac. Quando os pais não querem receber o Baptismo ou baptizar os seus filhos, rezamos ao P. Jean Gailhac e à Mère



S. Jean, dizendo que as crianças (se os pais aceitarem) terão os nomes de João ou Maria João. E a graça de Deus trabalha imediatamente».

Continua o relato da Irmã Maria da Natividade: «Certo dia, ou melhor, certa noite, ouve-se tocar o sino grande da varanda. As Irmãs acordam alvoçadas e cheias de medo. As mais corajosas e destemidas vão à janela do dormitório ver o que se passa. A Irmã Maria Eugénia, que se conservava deitada, levanta-se prontamente e diz: Vou também, quero morrer mártir como elas. E junta-se ao grupo que estava na varanda.

O que se passava? Era uma mãe nativa aflita e chorosa com o filhinho muito doente, nos braços,

pedindo para o baptizarem. Quem o baptiza é a Irmã Albert. Vai buscar um copo de água e, ali mesmo, à luz da lua, numa noite maravilhosa e estrelada, faz da criança um cristão. Assim se dá início aos baptismos que, desde então, abundam na cidade».

Parece, à primeira vista, que certos pormenores nada têm a ver com a Madre Inês de Jesus. Mas realmente, olhando com maior profundidade, tudo deriva dela, da escolha criteriosa e inteligente que ela fez das Irmãs que a acompanharam nesta aventura de amor.

Capítulo Décimo Segundo

ACENTUADO CANSAÇO – ANSIEDADE – FUNDAÇÃO EM UMTALI – NOVAS DIOCESES

A Madre Inês de Jesus continua a dar sinais de cansaço. Nem é para estranhar, se a sua cabeça é um computador produzindo incessantemente novos programas, novos desafios, ideias surpreendentes para glória de Deus e felicidade das pessoas.

Numa carta à Superiora Geral, insiste de novo numa fundação na Rodésia (Zimbabwe). Envia-lhe uma carta do Prefeito Apostólico de Umtali (Harare) pedindo uma fundação naquela cidade.

«É uma cidade muito próspera, bom clima e fica mesmo na fronteira entre a Rodésia e Moçambique. Muitos jovens vão daqui para lá, a fim de aprenderem o Inglês. Era bom que ao mesmo tempo se fizesse a fundação na Beira para acolher as fundadoras de Umtali que ali desembarcarão, pois é o porto de mar mais próximo. E ainda, para que elas possam vir a Moçambique e ser ali recebidas em primeira

mão. Será fácil a relação entre as comunidades de África. Um Colégio Internacional em Umtali serviria a Beira e Quelimane».

Lembra novamente à Superiora Geral a necessidade que tem de mais Irmãs de Portugal e Brasil. Sabe que neste país as Irmãs Gonzaga Castro e Sacré Coeur Barreto estão disponíveis para as Missões. De facto, estas Irmãs irão brevemente para Moçambique, bem como duas Irmãs portuguesas, as Irmãs Manuela Antunes e Francisca Coelho.

Na carta seguinte à Superiora Geral diz:

«Suponho que já nem tenho bom senso nem juízo pensando em abrir novas casas, como Beira e Gurué (Vila Junqueiro), sem religiosas e sem dinheiro. É uma verdadeira loucura. Estou, porém, muito contente por me dizer que a fundação em Umtali se fará brevemente».

Dá também notícias do Ano Mariano e sua conclusão em Dezembro de 1954:

«O Senhor Bispo esteve seis dias em Quelimane e no fim demos um jantar de festa ao Sr. Bispo e a 14 sacerdotes».

A Diocese da Beira compreendia então também os territórios de Quelimane e Tete. Por ser muito grande, a Santa Sé decidiu formar mais duas Dioceses: a de Quelimane, em que o primeiro Bispo foi D. Francisco Nunes Teixeira, Secretário do Sr. D. Sebastião; e a de Tete, com D. Félix Niza Ribeiro como primeiro Bispo.

A Madre Inês de Jesus pensa nas coisas que poderá oferecer ao novo Bispo, para a sua capela particular e para as suas vestes. Com a Comunidade pondera o que será melhor oferecer. Comunica isto mesmo à Superiora Geral e diz-lhe ainda: «Tivemos a visita do Intendente do Paquistão, que nos deixou uma oferta para as obras do novo Colégio. Mostrou grande interesse pelo ensino das RSCM, talvez por informações recebidas. Parece que Deus nos quer em toda a parte.

De facto, como se impunha, começou a construção do novo Colégio.

O Governador Civil e o Presidente da Câmara darão 700.000\$00, o que equivale a 25.000 dólares.

No próximo ano esperamos a visita do Presidente da República de Portugal. E como o edifício do novo Colégio é uma obra muito importante na cidade, querem que seja inaugurado com a sua pre-

sença. Mas acho pouco tempo para terminarem as obras que são de grande envergadura».

No entanto, na carta seguinte diz que a «construção avança rapidamente. É uma graça de Deus porque a casa que serve de Colégio é muito antiga e está em muito más condições. Porém, o ensino é muito bom».

Passado algum tempo, a Madre Inês cai no seu próprio quarto e parte o braço direito. Sobrevém um abcesso, que é lancetado pelo médico. Põe gesso no braço. Acentuam-se assim os sinais de cansaço.

A animá-la nesta situação, chega a notícia de que brevemente virão mais duas Irmãs do Brasil: a Irmã S. Calixto Martins e a Irmã Estanislau Cortez. Ambas, e cada uma à sua maneira, muito vêm contribuir para aliviar as Irmãs sobrecarregadas. A Irmã Estanislau, com o seu temperamento alegre e brincalhão, prega muitas partidas às Irmãs e até à Madre Inês de Jesus, o que serve para fazer brincadeira nos tempos de convívio.

Entretanto, e a custo, a Madre Inês de Jesus consegue escrever à Superiora Geral:

«Agradeço o interesse pelas melhoras do meu braço. Ainda não posso escrever porque os dedos

não têm força. Também parece que perdi o entusiasmo por novas fundações... A construção avança. Estão no último andar».

Diz ainda a Irmã Maria da Natividade:

«Desde o início, a Madre Inês de Jesus procurou, por todos os meios, que nada faltasse, nas festas de Natal, Páscoa, etc., do que era a tradição em Portugal.

Assim, no Natal a Ir. Maria Estela Correia lá anda pelas ruas à procura do tradicional polvo que a Madre Inês de Jesus não dispensa. E, por intermédio dos amigos, consegue comprar o que quer, na Companhia da Zambézia. Para surpresa, a Ir. Maria Estela prepara um delicioso “champagne” feito de cascas de ananás gelado e que era “mesmo bom”, como dizem os nativos, quando uma coisa é muito boa.

Omite-se a descrição da festa religiosa do Natal, por ser idêntica à portuguesa.

A festa da Páscoa também é celebrada à imitação do que é tradicional na Metrópole.

Começa-se, então, a campanha de preparação junto dos alunos, seus familiares e população nativa, e dá-se início à Visita Pascal. As famílias que desejem a honra dessa visita dão o seu nome na

Paróquia e a Cruz é enfeitada em nossa casa, mesmo à “portuguesa”».

Tais festas – estas e outras – vão transformando o ambiente religioso, em Quelimane. Quando as Irmãs chegaram, a igreja estava quase deserta na Missa Dominical. No final da vida da Madre Inês de Jesus, a igreja enchia-se. Grande alegria para a Madre Inês de Jesus, ao lado de tantas preocupações e anseios, ao longo da sua vida missionária.

Outra grande alegria quase no fim da vida é a fundação americana de Umtali, pela qual tanto tinha pugnado durante os últimos anos. Já não chega a gozar das grande vantagens que via nesta fundação para a África Austral, nos aspectos de missionação e de educação, e sobretudo para Quelimane e Beira.

Há ainda um grande sonho na sua vida: a fundação de uma verdadeira Missão para nativos. É um desafio, a que espera responder e lhe é lançado pelos Missionários Capuchinhos, na serra de Morrumbala.

Capítulo Décimo Terceiro

FUNDAÇÃO DE MORRUMBALA A VIDA NOS PRIMEIROS TEMPOS DE MISSÃO

Dois dias antes da data fixada para a fundação da Missão de Morrumbala, no Cumbabo, chegam de Quelimane a Madre Inês de Jesus e as fundadoras da Missão: Irmã Maria de Gonzaga Castro, Superiora, Irmã Maria de Jesus Lopes, recém-chegada da Metrópole, Irmã Francisca Coelho e Irmã Carlinda Vitorino. Vêm também algumas irmãs do Colégio de Quelimane com os alunos cujos pais habitavam a povoação, estudando eles no Colégio.

Num dos recreios, sempre animados, a Madre Inês de Jesus, muito contente, diz:

«Nunca fiz uma fundação tão pobrezinha e com tão pouco dinheiro. Gastei apenas 20.000\$00. Aqui é que eu gostaria de morrer porque se vê o cemitério e as Irmãs lembrar-se-iam de rezar por mim».

Diz-nos a Irmã Maria de Jesus:

«Chega alegre e festivo o dia 16 de Novembro de 1956!

A manhã é passada em preparativos para a grande festa.

Pelas 15 horas começam a chegar à Missão as pessoas da povoação e da Vila de Morrumbala, sendo o Administrador e o Médico os primeiros a comparecer. Às 16h o Padre Eduardo, Capuchinho, celebra a Eucaristia na Capela, construída pelos Missionários Capuchinhos da Missão.

As Irmãs recebem o Crucifixo, a começar pela Madre Inês de Jesus, seguindo-se as quatro Missionárias que fazem a declaração do compromisso missionário.

No fim da cerimónia religiosa, toda a comunidade da Vila e da povoação acompanha as Irmãs processionalmente, até à sua pequena casa de habitação, toda enfeitada com fitas de seda branca, na varanda. Seguidamente aproximam-se os padrinhos – donos da fábrica de algodão de Megaza – para cortar a fita, acompanhados de uma grande salva de palmas.

Vem depois o lanche preparado pelo Frei Silvestre e Senhoras da Vila de Morrumbala.



Depois do Concílio Vaticano II.

É uma tarde de convívio alegre, de novos conhecimentos e amizades. Todos se sentem felizes com a vinda das Irmãs para a Missão.

Assim termina o dia 16 de Novembro, alegre e festivo como começara.

No dia seguinte, Domingo, as Irmãs do Colégio regressam com os seus alunos a Quelimane para continuarem as aulas na segunda-feira.

A Madre Inês de Jesus fica mais dois dias para ajudar a situar e a organizar a comunidade. Diz que está cansada, mas que voltará logo que puder, para descansar.

Os alunos, professores moçambicanos e catequistas da área vêm todos os anos celebrar o Nascimento

de Jesus, o Natal, à Missão. Neste ano vêm muitas meninas e algumas delas ficam logo como internas.

No fim da Eucaristia da meia noite, distribuem aos alunos açúcar, amendoim e farinha. Os professores e catequistas têm também a sua parte, mas separada dos alunos».

Como já vimos, a Missão está situada na serra de Morrumbala e abrange uma área ocupada por 160.000 pessoas, aproximadamente.

Para lá da Missão, há outras áreas e povoações como o Chire, que confina com o Malawi e o Derre, extensões enormes que se procura atingir pela missionação. Mais próximas: o Cumbabo, Marrundo, Pinda, etc. A maior dificuldade a superar é a língua. É sobretudo com o povo que se aprende a falar.

«Ainda hoje, passados 36 anos, rezo o Pai Nosso e a Ave Maria em língua “Sena” para não esquecer», confia a Irmã Maria de Jesus. E, com o auxílio das meninas internas mais crescidas, que já percebem algo de português, começa-se a ensinar a Catequese no Cumbabo.

No ano seguinte, com as duas bicicletas oferecidas pelos Padres da Missão, vai-se ao Marrundo e outras povoações para anunciar a Boa Nova. Depois

de algum tempo de preparação, também alguns adultos são admitidos ao Baptismo e ao Sacramento do Matrimónio.

Quanto ao Internato, começa-se por dizer que as primeiras meninas que ficaram na Missão, no primeiro Natal, tinham os pais e irmãozinhos em casas feitas de «pau-pic», as quais, no tempo da chuva, ficavam todas encharcadas. Os Padres começaram então a ajudar.

E para as meninas começam a construir uma nova habitação próxima da das Irmãs, com um grande dormitório e casa de banho. No exterior, uma varanda com um banco encostado à parede a toda a volta. E, ao lado, duas casas de banho, dois chuveiros e um tanque de lavar roupa. A água canalizada vem mais tarde facilitar o trabalho.

As meninas aprendem a coser à mão, depois à máquina. Passam a ferro, ajudam na cozinha, fazem limpezas para aprenderem todos estes trabalhos de casa. Estudam até à 4ª classe. Os professores e catequistas gostam de mandar as suas noivas para a Missão, a fim de aprenderem um pouco de tudo.

Nos primeiros anos de missão ensina-se apenas até à 4ª classe. Os alunos vão fazer exame à Escola Oficial da Vila de Morrumbala. Não se imagina a

enorme dificuldade a superar para preparar exames em português, quando os alunos têm como professores estrangeiros que pouco ou nada sabem da língua de Camões.

Na fundação da Missão de Morrumbala, a Madre Inês de Jesus apercebe-se de um incidente vascular, um leve enfarte, mas não comunica a ninguém. Guarda para si e para Deus. E regressa a Quelimane fazendo a vida normal.

Capítulo Décimo Quarto

ÚLTIMA DOENÇA – SANTA MORTE

Tão normal é a vida que a Madre Inês de Jesus se esforça por viver em Quelimane, no regresso de Morrumbala, que as Irmãs, sabendo que ela está muito cansada, atribuem os mais pequenos sinais estranhos àquele cansaço. Nem a própria enfermeira, Irmã Ilda, sempre tão solícita nos cuidados com a Madre Inês de Jesus, se apercebe de coisa alguma.

O coração, porém, é que já não é o mesmo, enfraquecido e vulnerável. Por isso, o segundo sinal alarmante, agora, é por ocasião da visita do Casal Presidencial da Metrópole, General Craveiro Lopes e Sra. D. Berta Craveiro Lopes. O casal vem a Quelimane. A Madre Inês de Jesus e um grupo de Irmãs vão ao Palácio do Governo apresentar cumprimentos à Sra. D. Berta, antiga Aluna das RSCM, muito amiga e de relações frequentes com as Irmãs de Lisboa. Vão com pressa, porque vão atrasadas. A Madre Inês de Jesus aflige-se e sente-se mal. Tem que parar e senta-se num muro baixinho que ali há.

Descansa um pouco e vê que é melhor voltarem para casa. Assim fazem. E com grande preocupação, conseguem que a Madre Inês de Jesus se deite para repousar bem, mas não conseguem que ela dê licença de chamar o médico.

A Senhora D. Berta, sabendo do sucedido, vem ela própria a casa das Irmãs, na parte da tarde. A Madre Inês de Jesus, um pouco melhor, acompanha-a na visita às instalações simples e pobres das Irmãs e às do Colégio.

No fim da tarde, a Senhora D. Berta toma o chá. Sempre muito amável e atenciosa, a Madre Inês de Jesus não dá sinais de cansada nem de doente, tal a sua resistência física e moral.

O terceiro sintoma é fatal.

É o dia 11 de Dezembro de 1956. Ainda há andaimes no prédio novo do Colégio. Um aluno dos mais pequenos sobe até ao 3º andar para dali lançar um brinquedo voador. A Madre Inês de Jesus estava na varanda e, ao ver o menino em cima dos andaimes, aflige-se, pensando que ele ia cair quando fez o gesto de atirar o brinquedo. Ficou muito corada e muito preocupada. À noite tomou parte no recreio, mas falou pouco.

Durante a noite, sentiu-se mal e chamou-se o médico. Notando a preocupação do médico, diz-lhe: «Senhor Doutor, não tenha receio em me dizer o meu estado. Uma religiosa está sempre pronta para morrer», o que causou grande admiração ao médico agnóstico.

Durante as horas que a separam do fim da vida, a Madre Inês de Jesus vive numa grande intimidade com Deus e por uma ou outra palavra que vai articulando, sente-se que percorre cenas da sua vida tão cheia; infância, família, juventude, Brasil, Moçambique...

A enfermeira agradece sempre qualquer gesto em seu favor. O seu estado vai piorando e vem então Mons. Guerreiro administrar-lhe a Santa Unção e o Sagrado Viático que ela recebe com muita fé e lucidez. Lentamente vai-se apagando aquela velinha ardente.

E, à sua volta, as Irmãs tentam rezar jaculatórias, mas é difícil porque os soluços embargam a voz...

E pelas 16h30, como quem vê os braços que a esperam, parte para a Casa do Pai. Está presente toda a Comunidade, mergulhada na grande dor e saudade. É o dia 12 de Dezembro de 1956.

A notícia do seu falecimento corre célere na cidade. Os primeiros a chegar são os alunos, prestando

os seus serviços. E começam a chegar as pessoas da população local.

De longe, começam a aparecer também os amigos missionários.

O corpo é depositado numa urna de madeira, mas o Presidente da Câmara oferece o caixão de chumbo e ficará, depois do funeral, na capela do cemitério até que as obras da parte lateral, onde estão a fazer os «gavetões», esteja concluída.

Todos os estabelecimentos da cidade encerram as suas portas e tanto a população europeia, como a nativa, indiana e muçulmana comparecem em profundo respeito.

No dia do funeral chega de avião o Sr. D. Sebastião, Bispo da Beira, que preside às exéquias. O Sr. D. Francisco, Bispo de Quelimane, estava ausente do país.

O enterro foi uma apoteose de saudade. A multidão que a acompanhava foi sempre a pé, em cortejo fúnebre, o que é de salientar, dada a longa distância do Colégio ao cemitério.

Só no dia seguinte as Irmãs tiveram a coragem de voltar aos aposentos de Madre Inês de Jesus.

A Irmã Albert, que representava a Madre Inês de Jesus em vida, é agora encarregada pela comuni-

dade de ver as coisas íntimas, pertença da saudosa Madre Superiora. E encontrou sobre a secretária do seu gabinete uma lista com os nomes das pessoas a quem se deviam favores; prendas e lembranças para cada uma, cartas de Boas Festas para a Metrópole, Brasil, América... E tudo se cumpre à risca, do que ela tinha determinado.

É também a Irmã Albert quem dá à família, lá longe, em Portugal, as notícias dos últimos dias e agravamento da doença. E depois da morte, comunica pormenores dos últimos momentos e funeral.

Nova página se abre na História das RSCM em África.

«A Madre Margarida Maria Gonçalves – diz-nos a Irmã Maria da Natividade – veio passar uma temporada connosco, o que nos comoveu imenso pelo seu carinho e interesse que por tudo tomou, amenizando assim um pouco a nossa saudade. Ela era então a Provincial na Metrópole e Moçambique.

Os planos da Madre Inês de Jesus sobre a fundação de um Noviciado para Irmãs nativas foram aceites e continuados pela Madre Provincial, o que veio a concretizar-se mais tarde em Quelimane, sendo a primeira mestra de noviças a Irmã Elsa dos Anjos Reduto.

Por esta altura, tivemos também a visita de Mère Sacré Coeur Smith, da Província Americana, que viera a Umtali.

Esteve connosco alguns dias, trazendo-nos muitos presentinhos úteis, que eram distribuídos nos recreios da noite, com todo o carinho e amizade.

Depois do seu regresso à América, os caixotes com roupas, calçado, material escolar, géneros alimentícios e um presentinho para cada uma de nós, Irmãs, com o seu nome, começaram a surgir.

Os últimos caixotes que ela esteve preparando para a fundação do Gurué já chegaram depois da sua morte, pois viria a falecer nos Estados Unidos, pouco tempo depois de estar connosco em Quelimane.

Do Brasil também nos vinha grande ajuda, mostrando sempre a Província Brasileira o seu carinho, gratidão e admiração pela Madre Inês de Jesus, sobretudo com a vinda de Irmãs que nos ajudaram muito, quer no Colégio quer na Missão de Morrumbala, “o canto do cisne” da saudosa Madre Inês de Jesus».

Deixámos para o fim o testemunho de um amigo, o Inspector Alves Pereira. É óbvio que tal testemunho engloba as colaboradoras que a Madre Inês de Jesus escolheu e de quem ela foi impulsionadora, desafio e inspiração. Diz ele:

«Merece especial referência a Madre Inês de Jesus, digníssima Superiora, desde a fundação do Colégio, até à sua morte, tendo pedido para ficar sepultada em Quelimane, onde se encontra.

Além da sua experiência no Ensino, comprovada pelos bons resultados obtidos nos exames, foram brilhantes as festas escolares levadas a efeito, designadamente, as celebrações do Natal e as do fim do ano lectivo. Foram as melhores que a Zambézia já viu.

Notável também a sua influência no meio social, principalmente na elevação do nível da fé. Mas não só, pois tendo contribuído para maior instrução e cultura em muitas centenas de jovens, estes muito fizeram depois para o engrandecimento da Zambézia, na sua economia, na sua vida social e cultural.

A Zambézia tem uma grande dívida de gratidão para com esta Congregação Religiosa».

Capítulo Décimo Quinto

SEMENTE QUE ALASTRA PELO MUNDO

«A semente lançada à terra dá fruto a 30, a 60, a 100 por um» (*Mt* 13, 8).

Assim é com a sementinha lançada na pequena cidade de Quelimane e que desabrocha também em Umtali (Rodésia), fundação da Província Americana de Leste, ainda em vida da Madre Inês de Jesus.

Segue-se a Zâmbia, fundação de Inglaterra, hoje Província Europeia do Norte.

Vem em seguida a República do Mali – Sanzana, fundada pela Província Portuguesa e pela Província Europeia do Norte. É a segunda Internacional em África, sendo Quelimane a primeira.

Esta missão do Mali é descontinuada, alguns anos depois.

Mais tarde, a Província Portuguesa funda a Missão de Kimparana, no Mali, seguida da Missão de Fanterela, no Mali também.

Por incompreensíveis desígnios de Deus, manifestados na falta de vocações, as RSCM têm que retirar destas duas Missões no Mali. Graças a Deus serão substituídas em Kimparana por outra Congregação.

É a fecundidade da pequenina semente nascida em Moçambique, Quelimane, e levada por caminhos de África a vários países, para QUE TODOS TENHAM VIDA.

Vamos agora saber mais alguma coisa dos frutos da semente lançada na Missão de Morrumbala e deixemos falar a Irmã Maria de Jesus Lopes da Cruz (falecida):

«Por volta de 1960, a Ir. Maria de Gonzaga volta para o Brasil, vindo substituí-la, como Superiora da Comunidade, a Ir. Benvinda de Jesus Teixeira. Dá-se nesta altura um passo em frente na preparação escolar dos alunos, com a Admissão ao Liceu, como base para o ingresso na Escola Básica Agrária do Chimoio. Ao mesmo tempo, os Padres da Missão constroem as Oficinas de Carpintaria para os rapazes que querem aprender uma profissão.

Mais tarde, vem do Brasil a Ir. Maria Coeli. Surgem novos melhoramentos no Internato: as meninas mais velhas deixam as esteiras para passar a

dormir em camas e em dormitórios, sendo vigilante a Ir. Maria de Jesus.

Os progressos no dormitório tinham sido precedidos pelos da escola. Para substituir as tabuinhas assentes nos joelhos e sobre as quais os alunos escreviam, a Ir. Benvinda, que se encontrava então Superiora no Colégio de Quelimane, ofereceu à Missão 12 escrivaninhas, o que muito beneficiou a escola e os alunos.

Em 1966, a Ir. Natividade vem de Quelimane para a Missão para leccionar Português e Desenho.

Passado um ano, é a vez da Ir. Maria de Jesus ser substituída pela Ir. Olinda Rocha (falecida), para leccionar a 5^a, 6^a classe e Admissão ao Liceu. Viera há já uns anos de Portugal.

O ensino na Missão atingia o seu apogeu, sendo considerada a mais actualizada no ensino.

É também nesta altura que se admitem algumas alunas brancas, com dificuldade de prosseguir os seus estudos em Quelimane.

Posteriormente, vem de Portugal a Ir. Maria Alice Santos (falecida), para substituir a Ir. Maria de Pazzi, regressando esta ao Brasil.

O trabalho na Missão continua sempre no mesmo ritmo de desenvolvimento. As alunas brancas continuaram a aumentar e assim, a pouco e pouco,

entre as caritas negras e olhos vivos, se misturavam as cabecinhas loiras e carinhas brancas em grande harmonia e amizade.

A Escola da Missão de Morrumbala chega a ser Escola Piloto e ali acorrem missionários e missionárias de outras localidades para trocar impressões e experiências».

A Irmã Maria de Jesus e a Irmã Natividade alternam nas preciosas informações. Diz agora a Irmã Natividade:

«Tivemos várias ajudas da Fundação Gulbenkian, que sempre acolheu os nossos pedidos com material escolar, didáctico e técnico. Organizou-se um pequeno laboratório e uma biblioteca.

Devido ao aumento de alunos, os exames começaram a ser feitos na Missão, vindo um Júri de Quelimane para esse fim.

Além da Escola Primária, frequentada por centenas de alunos das 4 Classes Primárias e Pré-Primária, sente-se a necessidade urgente de fundar na Missão o Ciclo – primeiros dois anos do Curso Secundário. Os Professores do Ciclo são nativos – ex-Seminaristas – orientados por uma Irmã do Sagrado Coração de Maria, como responsável do Ciclo.

Além da Catequese a adultos, a costura é o meio que mais atrai as mulheres, vaidosas e alegres por saber pegar numa agulha e fazer as suas roupas e algumas da família.

As crianças têm a sua Catequese própria e na Escola os alunos têm aulas de Religião e Moral, além da Catequese.

Também se dão noções de higiene, puericultura, culinária e curativos.

Anexo à Missão há um Posto Médico onde são atendidos, diariamente, centenas de doentes para consultas, curativos e injeções. A consulta médica, propriamente dita, é semanal, vindo geralmente um médico militar».

Aqui terminam as informações dadas mais tarde pela Irmã Maria da Natividade, que foi pioneira do novo sistema de integração racial na Escola da Missão de Morrumbala.

«Entretanto, vem a Revolução e os confrontos entre partidários da Renamo e da Frelimo.

Com a guerra, as actividades da Missão tomam um rumo diferente: as Escolas deixam de poder ser acompanhadas, os Internatos feminino e masculino

diminuem na frequência e a Evangelização é cada vez mais difícil.

Em Agosto de 1982 é destruída a Missão com ataques das forças rivais.

As Irmãs, por motivos de segurança, tinham ido para a Vila, uns dias antes.

Em 1 de Setembro chega uma avioneta para levar as Irmãs para Quelimane».

Consumara-se o encerramento da missão, após 26 anos de trabalho e dedicação pelo povo. Relato escrito e vivido pela Irmã Maria de Jesus Lopes da Cruz – uma das principais protagonistas desta Missão e para ali enviada pela Madre Inês de Jesus.

Voltemos a Quelimane, 5 anos passados sobre a morte da Madre Inês de Jesus. Deus quis poupá-la à revolução e suas consequências, como vimos na Missão de Morrumbala e vamos ver em Quelimane.

«Aqui, em 1961, abriu o Liceu João de Azevedo Coutinho. Com este estabelecimento oficial e a Escola Técnica, começa a desenhar-se a não prioridade do nosso trabalho no Campo do Ensino. Em 1968, o assunto foi ponderado em Capítulo Geral e decidido o encerramento do Colégio, a curto prazo,

o que se verificou no mesmo ano. O conjunto de edifícios e terrenos foram vendidos ao Estado para ampliação das instalações hospitalares.

É então planeada e realizada a construção de um Lar e Casa Regional. Esta construção, obedecendo já a princípios educativos modernos, é anexada pela Frelimo, logo que esta conquista o poder.

Por alguns anos apenas, uns dez, serve os nossos intentos: Comunidade, Noviciado e Lar».

Aqui termina o último relato da Irmã Maria Eugénia Mocho.

Capítulo Décimo Sexto

FUNDAÇÃO DE LOURENÇO MARQUES

Passam os anos. O furor revolucionário vai acalmando. A independência é aceite na Metrópole.

As Irmãs Moçambicanas deixam de depender da Província Portuguesa e formam uma «Região» que passa a depender directamente de Roma, sendo Superiora Geral a Irmã Margarida Maria Gonçalves.

As primeiras superiores regionais são portuguesas. Seguem-se, neste ministério, Irmãs Moçambicanas, e uma das primeiras é a Irmã Teresa Bastião, uma das religiosas moçambicanas dos primeiros grupos saídos do Noviciado. Também é com ela que, anos mais tarde, o Presidente da Câmara de Quelimane assina o contrato da cedência da grande casa – Comunidade, Noviciado, Lar – agora muito arruinada, depois de ser ocupada pela Frelimo.

Voltemos anos atrás no tempo e oiçamos o relato da Irmã Rosa Maria Coelho, já falecida e que foi Superiora Regional de Moçambique, depois da morte de Madre Inês de Jesus.

«Há já algum tempo que o conjunto das casas das Irmãs do Sagrado Coração de Maria, em Moçambique, se tornara “Região”. A Ir. Margarida Maria, Superiora Geral, vem visitar as casas de África, sendo as primeiras, as de Moçambique.

Ora, as famílias das alunas de Quelimane há muito insistiam em que organizássemos um Lar em Lourenço Marques – hoje Maputo – para as filhas continuarem os seus estudos.

Nós, Irmãs, sentíamos que uma casa em Lourenço Marques seria um apoio para Irmãs, por motivos de saúde, ou para as que, vindo de Portugal, pudessem esperar ali o avião seguinte que as levaria para a Beira, Quelimane, etc.

Assim, a Ir. Margarida Maria resolveu que, antes do seu regresso a Roma, passaríamos três dias em Lourenço Marques. Assim foi. A primeira noite hospedámo-nos no Hotel Cardoso. Lourenço Marques recebe-nos com enorme tempestade de trovões e relâmpagos. As faíscas cruzavam os céus e o horizonte. O Hotel está situado na colina da “Ponta Vermelha”. E pudemos observar aquele espectáculo assustadoramente belo de relâmpagos e faíscas a descarregar nas águas da Baía. Era uma beleza assombrosa!

No dia seguinte fomos para casa da D. Judite Castro (irmã da nossa falecida Ir. Maria da SS.ma Trindade), na Matola. Orientadas por ela, percorremos uma parte da cidade, mas não descobrimos casa alguma que pudesse servir de Lar.

A Ir. Margarida Maria tem de partir para Roma e eu fico em casa dessa Senhora, para continuar a procurar casa para o Lar.

Depois de muito andar, rezando pelas ruas da cidade, vejo uma casa grande – “Pensão Portugal” – que vai ser extinta.

Falo como o dono da Pensão, que quer vendê-la, e faço o contrato. A casa de Quelimane, valendo-se do seu crédito no Banco Nacional Ultramarino, iria facilitar-nos esta compra e outras despesas inerentes.

Parto para Quelimane de avião e regresso algum tempo depois a Lourenço Marques, com as Irmãs Maria Alice Santos e Ilda Mouta, e com 12 alunas, as primícias do Lar.

Tudo ia caminhando, louvado seja Deus!

Comprámos uma mobília bonita e não muito cara para os quartos e sala de jantar.

E enquanto preparávamos, com muitos sacrifícios e também com muito amor, esta Residência para Estudantes, sai nos jornais a notícia da abertura da Universidade, em Lourenço Marques.

Aparece uma jornalista a visitar o Lar, encantando-se com a sala de jantar, que realmente dava alegria a quem entrava, com as cores bem combinadas dos aparadores, mesas e cadeiras. Tirou várias fotografias que, dias depois, apareciam nos jornais anunciando a abertura da Residência Feminina, que as estudantes sugeriram chamar-se Residência Universitária Feminina "RUF". E assim fica conhecido o nosso Lar em Lourenço Marques.

Apareciam assim os caminhos de Deus a serem trilhados por nós, quando ainda os desconhecíamos. Eu, então, Rosa Maria, ficaria ali seis anos, como Superiora, embora como Regional tivesse também de visitar as Casas da Região e, conforme as necessidades, reunir as superiores, geralmente em Quelimane, por ser mais central.

Junta-se depois a nós a Ir. Joaquina Flores. Como é licenciada em Histórico-Filosóficas, é convidada a ser professora no Liceu Salazar».

Lembrámos o primeiro grupo missionário, fundador do Colégio de Quelimane, tendo à frente a Madre Inês de Jesus, que assistiu à inauguração deste Liceu, em Lourenço Marques, na passagem e estacionamento do grande Paquete «Pátria».

Continuando: «A Ir. Joaquina Flores aceita o convite. Isto é providencial, não só no sentido de nos ajudar a pagar as obras e mobiliário, como também no conhecimento da “RUF”, e outros aspectos. Assim temos já umas 50 estudantes no Lar – “RUF”. A Ir. Joaquina organiza uma biblioteca, com o auxílio não só de várias entidades da cidade, como de pequenos sacrifícios das Irmãs.

Também a Ir. Elza Cortez é de grande ajuda na parte de secretariado. Era uma brasileira muito viva, cheia de bom humor, que alegrava o ambiente.

A secretaria actualizada facilita o meu trabalho de comunicação entre as casas, e da Casa Regional com cada casa.

Aproveitam-se todas as oportunidades para dar às estudantes o conhecimento de Deus e de Nosso Senhor Jesus Cristo. Aparecem casos em que elas se abrem com uma simplicidade encantadora, mostrando a sua ignorância na parte religiosa.

No Centenário da morte da Mère St. Jean, a Ir. Joaquina Flores explica às estudantes o que dizia respeito à nossa Congregação, Fundadores, etc. Tivemos uma Eucaristia muito bem preparada, com cânticos de circunstância, em que o Celebrante foi o Sr. Bispo de Lourenço Marques, D. Custódio

Alvim, que, com o seu secretário e outros convidados, nos acompanharam no almoço de festa.

Foram também convidados Antigas Alunas e Antigos Alunos de Quelimane, residentes em Lourenço Marques.

Cinco das estudantes da "RUF", verdadeiras mulheres, ofereceram-se para fazer o almoço, para que todas as Irmãs pudessem participar na Eucaristia. Tudo fizeram com grande esmero. E nada faltou».

Termina aqui o relato simples e natural da Irmã Rosa Maria, reflectindo a acção do Espírito que a ilumina e lhe dá vida.

Passados seis anos, chega de Portugal a Irmã Maria Manuela Tinoco de Faria que continua, com o seu jeito próprio e muito do agrado das estudantes, a dirigir o Lar – «RUF». Vai modernizando os serviços da Residência Universitária, à medida que se vão actualizando os restaurantes da cidade. Sempre atenta e observadora, impulsiona o progresso da «RUF», que atrai as atenções da cidade.

É o tempo da Irmã Teresa Bastião, como Superiora Regional. Fora bem formada, como noviça, pela Irmã Elsa Reduto, portuguesa, que viera para Moçambique como professora na Escola de Professoras nativas, no Dondo-Beira. E daí saíra

para ser Mestra de Noviças das primeiras vocações moçambicanas.

Muitos anos volvidos, em 2009, encontramos em Moçambique a Superiora Geral de então, Irmã Terezinha Cecchin.

Vem para a nomeação da Superiora Regional, a Irmã Serafina Helena, uma das primeiras vocações moçambicanas. Irmã capaz de orientar a Região nos caminhos de Deus, neste período conturbado da História Mundial, mais concretamente de Moçambique, no início do século XXI.

CONCLUSÃO

Nesta pequena biografia vemos como a Madre Inês de Jesus foi a RSCM sempre possuída pelo Espírito e dócil ao seu impulso criativo.

Desde a sua adolescência, no Colégio, e vocação à vida religiosa, viveu com entusiasmo e densidade o sonho de vir a ser missionária.

Tal entusiasmo acompanhou-a nos primeiros tempos da sua consagração em Portugal, depois no Brasil e em Portugal novamente. Em toda a parte, o que ela fazia era fruto do seu zelo, traduzido praticamente em entusiasmo.

Finalmente, pôde realizar o seu sonho, partindo de Portugal para Moçambique, em resposta ao pedido de D. Sebastião Soares Rezende, Bispo da Beira.

Quelimane foi a cidade indicada pelo Bispo. Aí iniciou a sua missão com as Irmãs que a acompanharam na partida de Lisboa. Estas eram não só portuguesas, como brasileiras e irlandesas. Mais tarde, juntaram-se-lhe outras e entre elas uma americana.

Com elas e, entre espinhos de sacrifícios, escavou e abriu caminhos que conduziram ao «hoje» das ge-

rações modernas, em que as Irmãs Moçambicanas assumem a sua própria vida e missão, tendo apenas neste momento a colaboração de uma Irmã estrangeira – a Irmã Mercês Sabino, portuguesa.

Que a Madre Inês de Jesus, por sua intercessão junto de Deus, continue a alimentar o entusiasmo e o zelo que legou a todas as RSCM e em particular às Irmãs Moçambicanas.

Que ela olhe pela germinação da semente que espalhou pelas terras onde trabalhou e viveu, com surpreendente ardor e zelo missionário, para que essa semente produza a cem por um e para que

TODOS TENHAM VIDA.

DESAFIO

A Madre Inês de Jesus, nesta pequena biografia, acolhe no seu coração universal a «Galeria» de Irmãs que com ela trabalharam, aceitando os seus desafios. E não só elas, mas também as que seguem, pelos caminhos surpreendentes que ela escavou e abriu, como são as Irmãs Moçambicanas, que hoje apontam tais caminhos às gerações modernas. Entre elas encontram-se ainda as Irmãs Mercês Sabino e Luzia Nunes Dias, portuguesas.

Neste futuro se inserem as noviças moçambicanas que, no Noviciado Internacional do Brasil, terminam a sua formação inicial sob a orientação inteligente e impregnada do Espírito do Instituto da Irmã Catherine Gough, Mestra de Noviças.

Neste ano bicentenário do nascimento da Mère St. Jean, seria muito grato, lá no Céu, ao coração da Madre Inês de Jesus que as suas queridas filhas moçambicanas escrevessem a História do Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, em Moçambique.

É um desafio e um apelo para que sempre SEJA TUDO PARA JESUS POR MARIA.

ÍNDICE

<i>Prefácio</i>	7
Retribuindo.....	11
Capítulo Primeiro Madre Inês de Jesus – Primeiros anos	15
Capítulo Segundo De Abreiro para o Porto – A Revolução em Portugal	25
Capítulo Terceiro O Noviciado	29
Capítulo Quarto Rumando ao Brasil	35
Capítulo Quinto Regresso a Portugal	43
Capítulo Sexto O Embarque no «Pátria» – Quelimane, escolha divina	49
Capítulo Sétimo Uma longa viagem	55

Capítulo Oitavo	
Chegada em apoteose	61
Capítulo Nono	
Amigos na pobreza e vida nova.....	65
Capítulo Décimo	
Solicitude com as Irmãs – Combate ao racismo – Solicitações – Cansaço	73
Capítulo Décimo Primeiro	
Desafio aos jovens – Ser apóstolos – Exercício do zelo	79
Capítulo Décimo Segundo	
Acentuado cansaço – Ansiedade – Fundação em Umtali – Novas dioceses	85
Capítulo Décimo Terceiro	
Fundação de Morrumbala – A vida nos primeiros tempos de Missão	91
Capítulo Décimo Quarto	
Última doença – Santa morte.....	97
Capítulo Décimo Quinto	
Semente que alastra pelo mundo	105
Capítulo Décimo Sexto	
Fundação de Lourenço Marques.....	113

Índice 127

Conclusão 121

Desafio 123

Índice 125

Os leitores se deliciarão ao ler esta biografia pelo estilo original da autora. É capaz de comunicar com vigor e simplicidade os valores de vida da Madre Inês de Jesus, uma vida totalmente ao serviço da vida, dos pobres, dos pequenos, dos preferidos do Reino. A autora revela também de onde vem esta força que moveu a Madre Inês de Jesus durante toda sua vida, é uma força que vem de dentro, uma força que vem de um amor apaixonado por Deus, a Quem se tinha consagrado.

Terezinha Cecchin
Superiora Geral



Editorial A.O.

